

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEduc
Mestrado Profissional em Educação

MILENA RODRIGUES ROCHA BRETANHA

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO: FORMAÇÃO CONTINUADA PARA
PROFESSORAS DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA
REDE MUNICIPAL DE JAGUARÃO/RS**

Jaguarão

2023

MILENA RODRIGUES ROCHA BRETANHA

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO: FORMAÇÃO CONTINUADA PARA
PROFESSORAS DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA
REDE MUNICIPAL DE JAGUARÃO/RS**

**Relatório Crítico-Reflexivo
apresentado ao Curso de Mestrado
Profissional em Educação da
Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial para
obtenção do Título de Mestre em
Educação.**

**Orientadora: Patrícia dos Santos
Moura**

Jaguarão

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)
através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

844p Rodrigues Rocha Bretanha, Milena
PRÁTICAS DE LETRAMENTO: FORMAÇÃO CONTINUADA PARA
PROFESSORAS DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE
MUNICIPAL DE JAGUARÃO/RS / Milena Rodrigues Rocha Bretanha.
93 p.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Pampa, MESTRADO
EM EDUCAÇÃO, 2023.
"Orientação: Patrícia dos Santos Moura".

1. Letramento . 2. Educação Infantil. 3. Alfabetização. I.
Título.

MILENA RODRIGUES ROCHA BRETANHA

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO: FORMAÇÃO CONTINUADA PARA
PROFESSORAS DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA
REDE MUNICIPAL DE JAGUARÃO/RS**

Relatório Crítico-Reflexivo apresentado
ao Mestrado Profissional em Educação
da Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial para obtenção
do Título de Mestre em Educação.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 28 de março de
2023.

Dissertação defendida e aprovada em: 28 de março de 2023.

Banca examinadora:

Profa Dra Patrícia dos Santos
Moura Orientador
(Unipampa)

Prof. Dr. João Carlos Pereira de
Moraes (UTFPR/ Unipampa)

Profa Dra Zoraia Aguiar Bittencourt
(UFFS)



Assinado eletronicamente por **Zoraia Aguiar Biñencourt**, **Usuário Externo**, em 20/06/2023, às 12:32, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **PATRICIA DOS SANTOS MOURA**, **Professor Permanente do Programa Mestrado Profissional em Educação**, em 21/06/2023, às 14:52, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **João Carlos Pereira de Moraes**, **Usuário Externo**, em 27/07/2023, às 08:04, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1145000** e o código CRC **C3343F29**.

Dedico este trabalho ao meu companheiro de vida,
Guga, que sempre me incentivou a continuar
minha formação.

AGRADECIMENTO

Inicio agradecendo à Deus pela força e amparo ao longo deste trabalho. Agradeço ao meu eterno companheiro de vida, Guga, que entre essas escritas tornou-se uma estrela que brilha e guia minha caminhada. Aos meus filhos amados, Bruno e Kauã, pelo incentivo que me deram para não desistir. A minha filha de coração, Carolina que segurou minha mão e esteve em todos os momentos difíceis me apoiando, para que eu seguisse em frente. A todos os meus amigos que de uma maneira ou outra me ajudaram.

A Prof. Dr^a. Patrícia dos Santos Moura pela orientação, paciência, carinho e amizade de todas as horas. Sem você não teria chegado até aqui. Aos professores e colegas do PPGEduc, que de algum modo ajudaram-me em todas as aulas: mesmo de forma remota, conseguimos criar um vínculo de amizade e estudo. Agradeço imensamente às professoras colaboradoras que deram vida a esta pesquisa e aceitaram participar dessa jornada junto comigo.

“Recria a tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz
doces. Recomeça.”

Cora Coralina

RESUMO

Este trabalho tem por principal objetivo analisar as compreensões das professoras das Escolas de Educação Infantil de Jaguarão/RS acerca das diferenças entre alfabetização e letramento na Educação Infantil, refletindo também sobre a sua indissociabilidade. A metodologia utilizada é do tipo intervenção e baseia-se na abordagem qualitativa com a intenção de subsidiar a pesquisa através de entrevista diagnóstica para a elaboração das rodas de formação com as professoras. Buscando assim propiciar a elas situações de debate sobre os conceitos de alfabetização e letramento, reflexões sobre as práticas em sala de aula e atividades concretas que possam ser realizadas com as crianças. Como resultado, o estudo sobre as práticas de leitura e escrita na Educação Infantil provocou as professoras a refletirem sobre o trabalho que vinham realizando. Mesmo sem mencionar qualquer conceito, os planejamentos das educadoras tiveram muito em comum, e, a partir de nossos estudos, ficou mais claro explicar que o letramento está presente nos planejamentos diários de cada professora.

Palavras-Chave: Educação Infantil. Alfabetização. Letramento; Formação de professores.

RESUMEN

El objetivo principal de este trabajo es analizar las comprensiones de los profesores de las Escuelas de Educación Infantil de Jaguarão/RS sobre las diferencias entre alfabetización y alfabetización en Educación Infantil, reflexionando también sobre su inseparabilidad. La metodología utilizada es del tipo intervención y se basa en un enfoque cualitativo con la intención de subsidiar la investigación a través de una entrevista diagnóstica para la elaboración de círculos de formación con los docentes. De esta forma, se busca brindarles situaciones para el debate de los conceptos de lectoescritura y lectoescritura, reflexiones sobre prácticas en el aula y actividades concretas que se pueden realizar con los niños. Como resultado, el estudio sobre las prácticas de lectura y escritura en Educación Infantil provocó que los docentes reflexionaran sobre el trabajo que venían realizando. Aún sin mencionar ningún concepto, la planificación de los educadores tenía mucho en común y, a partir de nuestros estudios, quedó más claro para explicar que la alfabetización está presente en la planificación diaria de cada maestro.

Palabras clave: Educación Infantil. Literatura. Literatura; Formación de profesores.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ficha de atividade fonológica.....	28
Figura 2 – Sistematização do processo de Análise Discursiva.....	41
Figura 3 – Jogos das cantigas.....	49
Figura 4 – Conceito de Letramento	63
Figura 5 – Conceito de Alfabetização.....	66
Figura 6 – Jogos interativos.....	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados das participantes da pesquisa.....	40
Quadro 2 – Respostas 1 do questionário	45
Quadro 3 – Respostas 2 do questionário	48
Quadro 4 – Respostas 3 do questionário	51
Quadro 5 – Respostas 4 do questionário	53
Quadro 6 – Respostas 5 do questionário	56
Quadro 7 – Ordem de apresentação das professoras	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CEEL – Centro de Estudos em Educação e Linguagem

EMEI – Escolas Municipais de Educação Infantil

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MOVA – Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos

PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	19
2.1 Concepção de criança leitora na Educação Infantil	23
2.2 Proporcionando momentos de ler e escrever na Educação Infantil.	26
3 FORMAÇÃO DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	30
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	35
4.1 Pesquisa qualitativa	35
4.2 Natureza da pesquisa	37
4.3 Análise textual discursiva.....	41
4.4 Apresentação e análise diagnóstica das concepções das professoras.....	42
5 POSSIBILIDADES DAS RODAS DE FORMAÇÃO	58
6 ANÁLISE DAS RODAS DE FORMAÇÃO	63
7 ANÁLISE DOS DIÁRIOS DAS PROFESSORAS.....	77
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICE	88

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é intitulada Práticas de Letramento: formação continuada para professoras¹ das escolas públicas de Educação Infantil da Rede Municipal de Jaguarão/RS. Percebo a importância dessa temática devido à divergência entre as concepções de letramento e alfabetização que existem entre as docentes da rede municipal de Educação Infantil de Jaguarão/RS.

Este trabalho tem como ponto de partida o levantamento e análise de dados junto às docentes, análise para posterior proposta de formação continuada sobre as práticas de letramento na Educação Infantil, para colegas que atuam nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) da citada rede de ensino acima.

A problemática que trago vem de questionamentos que percebo em meu ambiente de trabalho com relação às práticas de letramento e sua diferença do termo alfabetização na Educação Infantil. Como nos diz Soares (2017, p.39),

O surgimento de novos termos faz parte da necessidade que a sociedade tem para nomear coisas e objetos para que realmente eles existam, assim, a palavra „letramento” nasceu para caracterizar aquele que sabe fazer uso do ler e do escrever, que responde às exigências que a sociedade requer nas práticas de leitura e de escrita do cotidiano. Hoje, saber ler e escrever de forma mecânica não garante a uma pessoa a interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade, deve-se entender os significados e usos das palavras em diferentes contextos.

Minha trajetória profissional começou muito cedo: em 1999, fui convidada pra ser formadora do programa (MOVA) Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos criado por Paulo Freire, que visava a alfabetização de adultos que não tiveram a oportunidade de estudar quando crianças. Logo após passar por uma seleção de estágios remunerados pela prefeitura, em 2004, trabalhei como estagiária em uma escola de Educação

¹Usarei o termo professoras e educadoras no feminino em virtude de a maioria do corpo docente da

Infantil no município de Jaguarão, onde meu trabalho era “somente” cuidar dos bebês. No entanto, minhas raízes de professora educadora eram mais fortes e comecei a introduzir práticas de leitura com as crianças, que responderam de maneira positiva: o sentar na rodinha para ouvir histórias, por exemplo. Cursava nesse tempo o Magistério, quando tive várias aprendizagens e era empolgada com a arte de ensinar e aprender. Queria ir além em meus estudos, e no mesmo ano chegava a nosso município a universidade, um sonho para estudantes do interior: poder cursar um curso superior. Passei a cursar o curso de Pedagogia em 2006 e vivenciei vários ensinamentos, mas meu sonho se realizou no ano de 2012, quando passei no concurso municipal para o Magistério na área de Educação Infantil: agora poderia colocar em prática todas as minhas aprendizagens. Recebi um convite da Secretaria Municipal de Educação para atuar como gestora em uma escola de Educação Infantil em 2013. Durante minha atuação como gestora, pude constatar a importância da família e dos profissionais da educação na aprendizagem das crianças através de um projeto nomeado “sacola da leitura”, que implementei na escola. Os alunos levavam as sacolas de leitura para casa, os pais liam para eles e depois escreviam depoimentos em um diário.

No ano seguinte, em 2014, fui nomeada também na rede municipal de Jaguarão para trabalhar como alfabetizadora. Na ocasião, participei do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa², programa ofertado pelo governo federal de suma importância que proporcionou aos professores uma vasta gama de conhecimentos acerca da alfabetização e do letramento.

Continuei minha trajetória participando de uma seleção para bolsista pela Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão, em 2014, ingressando como supervisora do (PIBID) Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência numa escola de Educação Infantil em que eu atuava

²O PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal e solidário assumido pelos governos Federal, do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios, desde 2012, para atender à Meta 5 do Plano Nacional da Educação (PNE), que estabelece a obrigatoriedade de “Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental”.

como professora. As bolsistas que eu supervisionava trabalhavam com as crianças de forma lúdica e prazerosa, contando histórias adequadas à faixa etária e estimulando o gosto e o prazer pela leitura desde pequenos. E, também, em minha docência, pude constatar que a abordagem desse tema se fazia necessária devido ao pensamento que a Educação Infantil é um espaço para as crianças “somente” brincarem livremente. Entretanto, está assegurado na lei nº 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), seção 2 do artigo 29, que a Educação Infantil tem como finalidade "o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade". Dentre as leituras e os estudos a partir da minha prática, vi diariamente que as crianças desde pequenas precisam estar em contato com o mundo da leitura e da escrita. Logo, as práticas de letramento podem ser vistas como “o estudo das práticas relacionadas com a escrita em toda a atividade da vida social”. (KLEIMAN, 2008, p. 489).

O principal objetivo desse trabalho é analisar as compreensões das professoras das Escolas de Educação Infantil de Jaguarão/RS acerca das diferenças entre alfabetização e letramento na Educação Infantil, refletindo também sobre a sua indissociabilidade. Para isso pretendo analisar a função da Educação Infantil, diferenciar letramento de alfabetização, investigar e estudar teorias que abordem o letrar na Educação Infantil e construir subsídios didáticos com as professoras para a inserção do letramento em suas práticas pedagógicas, oportunizando um espaço de acesso à leitura e à escrita antes dos anos iniciais, sem intenção de prejudicar o aprendizado lúdico que as crianças devem ter. Diante da relação pertinente entre alfabetização e letramento na Educação Infantil e da relevância do papel do professor nesses processos, surgiu o interesse em realizar uma pesquisa que proporcionasse compreender quais eram as concepções de alfabetização e letramento das professoras da Educação Infantil. É necessário destacar que não se considera a alfabetização uma obrigação da etapa da Educação Infantil, mas é possível pensar práticas que proporcionem a reflexão sobre o sistema de escrita alfabética, tal como nos diz Morais (2012, p. 116):

[...] a escola pública precisa iniciar, no final da educação infantil, um ensino que permita às crianças não só conviver e desfrutar, diariamente, de práticas de leitura e produção de textos escritos, mas refletir sobre as palavras, brincando, curiosamente, com sua dimensão sonora e gráfica.

Os pressupostos teóricos dessa pesquisa são perpassados pelos estudos realizados por Magda Soares, Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Ana Carolina Brandão, Telma Leal, Artur Gomes de Moraes, Patrícia Corsino, Lev Vygotsky, Eliana Albuquerque, Tânia Maria Leite, Ana Lucia Faria, Anastasia Vita, Gládis Kaercher, Livia Vieira, Daniele Vieira, sobre a aprendizagem e aquisição da língua escrita e da leitura, seus usos e funções sociais.

Cabe aqui destacar como o presente Relatório Crítico-Reflexivo está organizado. Após esta apresentação, conto com outros oito capítulos: o segundo e o terceiro abordam o referencial teórico que dá base a esse trabalho. O quarto capítulo apresenta o caminho metodológico. O capítulo cinco apresenta o planejamento que foi desenvolvido com as professoras em rodas de formação on-line. O capítulo seis traz a análise das rodas de formação. No sete analiso os diários escritos pelas professoras. Por fim, no capítulo oito apresento as considerações finais deste trabalho.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No decorrer de minha prática como professora de Educação Infantil, tenho escutado diversos discursos sobre as práticas de leitura e escrita nesta etapa da educação básica. É um assunto polêmico entre docentes, gestores e as famílias.

Há muitos anos discutimos sobre essa temática, “Alfabetizar ou não na Educação Infantil?” Como observo nos meus estudos e prática, não devemos alfabetizar sistematicamente na Educação Infantil, mas isso não quer dizer que a criança não possa ter contato com a leitura e a escrita. A partir dessa resposta, surgem novos questionamentos: “Qual seria então o nosso papel frente as aprendizagens das crianças em leitura e escrita?” Também devemos “levar em conta as outras linguagens (plástica, corporal, musical, de faz de conta)” como nos alerta Malaguzzi (1999 apud BRANDÃO; LEAL, 2011, p. 13).

Primeiramente cabe salientar que nas escolas infantis as crianças já possuem noções relacionadas à escrita. Vygotsky (1991, p. 78) já afirmou que os alunos em pré-escolar podem sim ter contato com a leitura e a escrita, o que difere realmente é que “[...] deve ser ‘relevante à vida’ [...] deve ter significado para as crianças, de que uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida.” Algo essencial para que isso aconteça é a observação e o planejamento. Quando mapeamos o contexto cultural dos nossos alunos e temos a sensibilidade de observar os conhecimentos que já trazem consigo, as atividades em aula podem ser sem dúvidas desenvolvidas com motivação e de forma natural, um meio em que as crianças vão descobrindo essas habilidades enquanto brincam.

Brandão e Leal (2011) também discutem a questão presente entre os professores da Educação Infantil: alfabetizar ou não na pré-escola? E parece que devemos ter uma afirmativa ou sermos totalmente contrários à ideia. As autoras elucidam o que chamam de terceiro caminho, o que vai ao encontro da

perspectiva que estamos trazendo: não é preciso que as crianças saiam lendo da pré-escola, mas também não é necessário conduzir os planejamentos sem utilizar letras: “[...] é importante garantir que as crianças vivenciem situações diversificadas de contato com a escrita.” (BRANDÃO; LEAL, 2011, p. 21) O foco nessa fase sem dúvidas é o brincar, por conseguinte, o mundo da imaginação é infinito. Não há necessidade de limitarmos os pequenos se podemos usar da leitura para ampliar ainda mais seus conhecimentos, e por que não ingressar na cultura escrita através das brincadeiras? “Em suma, propomos que, na Educação Infantil, sejam garantidas situações de convívio com a escrita, sem, no entanto, tornar tais vivências um fardo para as crianças.” (BRANDÃO; LEAL, 2011, p. 21).

Embora alfabetizar e letrar apareçam reunidas em vários materiais teóricos e a autora Magda Soares afirme que, muitas vezes, esses conceitos se confundem, é preciso diferenciar a alfabetização como a aprendizagem da leitura e da escrita. Enquanto o letramento é a familiaridade do indivíduo com os diferentes usos sociais da leitura e da escrita. Isso significa que alguém alfabetizado pode ter dificuldade em compreender a funcionalidade dos livros, jornais, documentos, gibis, bulas, receitas, entre outros, se não participar de práticas que envolvem estes gêneros textuais.

Como nos diz Soares (2020), as crianças observam diariamente no contexto sociocultural e familiar que quando as pessoas escrevem, colocam marcas no papel e que, depois, é possível fazer a leitura dessas marcas. O que acontece ao imergir no ambiente escolar é que “[...] a criança vai progressivamente compreendendo a escrita alfabética como um sistema de representação de sons da língua (os fonemas) por letras – apropria-se, então, do princípio alfabético”. (SOARES, 2020, p.51).

Então as crianças começam a escrever, desenham e contam o que está “escrito” já na pré-escola. Esse tipo de escrita acontece desde muito pequenos e eles já entendem que estão representando o que querem falar. Quando entregamos um lápis e pedimos que escrevam o nome do cachorro, por exemplo, elas fazem e nos mostram confiantes seus rabiscos. Em contato com o uso da escrita, as crianças percebem que podem fazer traços além dos

desenhos, alguns parecidos com os traços da escrita que observam. Assim, é possível continuar a observar as evoluções ao longo da Educação Infantil, quando basicamente elas começam a perceber conforme vão convivendo com a escrita seja na escola, seja fora dela, que aquela é feita de letras.

Proporcionar momentos reflexivos de forma lúdica como jogos, brincadeiras e atividades que trabalhem a imaginação e a fantasia na Educação Infantil não é difícil, uma vez que existem inúmeras ideias e a cada atividade construímos novas propostas para os próximos planejamentos. A criança observa seu nome, o de seus colegas, familiares, os cartazes que a professora faz, a leitura em aula, as histórias dos livros e outros portadores de texto que ouvem... esse ambiente letrado “leva-a a se familiarizar com as letras, a substituir rabiscos e garatujas por letras, mas ainda sem atribuir valor sonoro aos segmentos da palavra. A essa fase, vamos denominar de escrita com letras.” (SOARES, 2020, p. 65).

Como a autora traz, embora as crianças ainda não façam a associação das letras com os sons, elas já perceberam que para escrever utilizamos letras, os adultos que estão ao redor delas utilizam. É comum nesse momento as crianças pedirem para que um adulto escreva algo e elas imitem ao lado “desenhando” as letras, iniciando a escrita da esquerda para a direita, de cima para baixo, conforme vão observando as pessoas fazerem.

A partir desse momento, já é possível começarmos a refletir sobre os seguimentos sonoros da fala, a consciência fonológica. Magda Soares explica esse processo com clareza quando diz que:

Inicialmente, a criança aprende que a palavra é uma cadeia sonora representada por uma cadeia de letras, e compreende a diferença entre o significante e o significado – *consciência lexical*. Em seguida, a criança torna-se capaz de segmentar a cadeia sonora da palavra em sílabas, e representa as sílabas por conjuntos de letras – *consciência silábica*. Finalmente, ela identifica fonemas nas sílabas e os representa por letras – *consciência fonêmica*. (SOARES, 2020, p. 78).

Desenvolver a consciência fonológica deve estar ligado ao ensino lúdico, como nos diz Artur Gomes de Moraes (2020, p. 225): “[...] no lugar de „treinamentos“ insípidos ou enfadonhos, julgamos mais adequado criarmos situações lúdicas em que, prazerosamente, as crianças exerçam a curiosidade sobre as palavras.” O autor considera que ter consciência fonológica consiste “na capacidade de refletir conscientemente sobre as unidades sonoras da língua e de manipulá-las de modo deliberado.” (MORAIS; SILVA, 2011, p. 74)

Na Educação Infantil é fundamental utilizarmos todos os tipos de texto, pois nesta fase as crianças a todo momento recebem informações sobre a escrita e a leitura. “A palavra ensino não precisa ser uma palavra proibida na Educação Infantil, como pretendem alguns.” (BRANDÃO; LEAL, 2011, p. 13). Quando lemos ou somos escribas das produções orais dos nossos alunos, fazemos com que a familiaridade com o mundo letrado proporcione a interação deles com a sociedade letrada. Elas brincam com os sons das palavras, reconhecem semelhanças e diferenças entre os termos. Devemos deixar as crianças manusearem os materiais escritos, como gibis, revistas, livros etc. Como é possível perceber, há muito o que ser proposto às crianças nesta etapa escolar, uma possibilidade é utilizar o universo dos livros infantis, pois existem muitos que trabalham com palavras que rimam, textos poéticos como cantigas e parlendas. Ao longo das leituras, o leitor adulto pode direcionar as perguntas de acordo com a forma como deseja trabalhar, seja as palavras que começam de forma parecida (aliterações), palavras dentro de palavras, repetição de palavras, etc. Assim, trazemos através da leitura de bons textos a brincadeira com as palavras que nos ajudam a pensar sobre a linguagem de uma maneira divertida.

Nas próximas subseções falaremos sobre aspectos indissociáveis da Alfabetização e do Letramento: a concepção de criança leitora e os momentos de ler e escrever na Educação Infantil, expondo de maneira simples e concreta como é possível fazer atividades lúdicas que envolvam as crianças e construam aprendizagens.

2.1 CONCEPÇÃO DE CRIANÇA LEITORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Há vários anos Paulo Freire escreveu sobre a leitura do mundo. Utilizando-me de seus ensinamentos, abordarei essa questão sobre concepção de criança leitora na Educação Infantil.

Paulo Freire cunhou a metáfora „leitura de mundo’ para falar da sua experiência de leitor da palavra escrita. Toda experiência sensível do mundo particular em que se movia quando criança, sua capacidade de perceber os espaços, os objetos, o contexto e o universo da linguagem dos mais velhos, com seus valores, crenças, gostos, foram fundamentais para o autor compreender a palavra escrita. (CORSINO, 2016, p. 22)

Se analisarmos o mundo letrado ao nosso redor, concluiremos que tudo que está a nossa volta envolve escritas e que a criança se sente curiosa e fica exposta a muitas informações, Albuquerque e Leite (2011, p. 93) abordam esta questão quando dizem que “as crianças nascem em um mundo em que existe uma extraordinária profusão de letras, presentes em vários materiais que fazem parte de diferentes contextos socioculturais [...]”. Cabe ao adulto proporcionar ferramentas para que ela comece a compreender esse contexto escrito que vivemos, por isso a importância de inserirmos momentos de leitura e escrita na Educação Infantil. As autoras também concordam com essa visão e dizem que o interesse para a aprendizagem das letras acontece desde quando são muito pequenas. Ainda podem existir famílias que ao seu modo vão estimulando seu filho(a) a escrever e identificar a letra de seu nome, do gato, cachorro, familiares, desenhos preferidos etc. Em relação à escola, podemos dizer que esta é uma das principais agências de letramento pelas quais a criança irá passar, sendo um ambiente que pode colocar a sua disposição vários portadores de textos.

Ler para as crianças sem que elas saibam ler por vezes pode ser o que causa questionamentos, entretanto é preciso levar em consideração que as crianças devem aprender algo que conheçam, gostem, admirem. Como fazer isso se elas não participarem de momentos de leitura? Toda ludicidade que uma contação pode proporcionar é o que encanta e traz sentido para a busca dessa aprendizagem. “Jogar” livros em cima das crianças não é a saída para que despertem a vontade de ler.

Cabe ressaltar também o vasto vocabulário que os pequenos vão adquirindo com as leituras e de todo o planejamento que deve ser feito. Quando uma leitura vai ser realizada, o educador fica atento para a escolha da história, como será a disposição das crianças, qual será a motivação prévia, quais suportes serão usados, qual a finalidade da contação, se ela será deleite ou com objetivos didático-pedagógicos.

A experiência de ouvir histórias na Educação Infantil não poderia ser mais rica, e o mercado hoje já nos proporciona livros adequados a cada idade pensados por profissionais capacitados. Quando chegamos em uma escola, possivelmente as salas da pré-escola terão livros. No entanto alguns educadores preferem guardar os livros e usá-los apenas para fazer a leitura junto com as crianças, a fim de que se mantenham conservados. Entretanto, estamos falando de crianças na fase em que a exploração é a sua maior forma de expressão, e não podemos privá-los desse contato. Kaercher (2011, p. 131) nos explica que:

[...] precisamos aceitar que o livro será alvo de manipulação intensa, será cheirado, mordido, amassado, esfregado, arrastado, etc. A escolha de livros que tenham adequação à faixa etária é fundamental. Assim, o livro deve ser feito de material higienizável e resistente, preferencial, de pano ou borracha que possam ser lavados periodicamente e ofertados sem risco às crianças.

Esse contato espontâneo garante um manuseio livre com aprendizagens diversas. Quando pensamos nas turmas de crianças menores, de zero a três anos, os brinquedos e os jogos de encaixe são usados deliberadamente, sem contar que os momentos da rotina, como a alimentação e a troca de fraldas,

demandam um tempo maior na sala de referência. Não se pode aqui generalizar que essas crianças não vivenciam momentos de leitura. Cada educador tem a sua metodologia, mas, devido à pouca idade dos bebês, por vezes, a atenção para os livros é pouca porque são crianças muito pequenas, o tempo de concentração em cada momento é menor e, se ainda não foi construído o hábito da leitura, elas parecem não estar prestando a atenção ao texto.

Investigando mais a fundo, descobrimos que o adulto imagina que a criança utiliza o livro imediatamente, de maneira autônoma, da mesma forma que usa outros materiais e brinquedos. Esse ponto de vista parece-nos o mesmo que querer que a criança aprenda a falar sem nunca ter ouvido a linguagem. (FARIAS; VITA, 2014, p. 71-72)

Esses são apenas alguns dos fatores que somados contribuem para que essa faixa etária não “leia”. A leitura dos bebês é totalmente especializada, os livros são feitos com materiais diferentes, alguns produzem sons, têm texturas, grandes ilustrações, entre outras características. Seja qual for a idade, o contato com os livros sempre trará bons resultados. O mesmo acontece com as demais idades. Os livros trazem o mundo da imaginação, e, quando se refere à leitura, as formas de abordagem são infinitas.

As crianças que participam de um meio que é rico literariamente avançam e é possível identificar vários aspectos positivos: elas conseguem estruturar suas narrações e o ritmo com que conduzem uma leitura, aprimoram-se na reprodução dos sons dos animais e na intensidade da voz, bem como suas expressões faciais conseguem expressar medo, surpresa, alegria. O manuseio dos livros, o modo de folhear as páginas e a forma como posicionam os suportes para os leitores visualizarem são reflexo do que viram nas contações que as professoras realizaram. Os bebês também expressam seu comportamento leitor. Podemos notar isso na repetição dos sons, no olhar atento e nas expressões faciais e gestuais parecidas com as apresentadas pelas professoras.

Falamos aqui sobre a pluralidade de leituras que podemos realizar independente da idade. Vejamos agora na próxima subseção ideias de como inserir isso nas rotinas do dia-a-dia.

2.2 PROPORCIONANDO MOMENTOS DE LER E ESCREVER NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Desde a chegada da criança na escola, ela já se depara com múltiplas possibilidades para a exploração da leitura e da escrita, dependendo do trabalho pedagógico de cada professor. Trarei aqui algumas possibilidades que realizei e continuo planejando ao longo de minha trajetória docente, desde as situações programadas até as que surgem no andamento das aulas.

A rotina de cada turma é uma das possibilidades para intervenção. Quando as crianças chegam à sala de referência, penduram suas mochilas nos lugares que indicam seus nomes. No momento da chamada, escutam seus nomes e fazem associações com os nomes dos colegas ou algum objeto. No momento da higiene, procuram suas escovas e canecas identificadas com seus nomes. Os livros de histórias contados pela professora ou pelas crianças, leitura e releitura de imagens etc., produções coletivas sendo o professor escriba dos textos ou a representação de histórias pelas crianças através de desenhos, são múltiplos exemplos parte de um todo muito mais amplo e infinito de opções em que o ler e escrever se fazem presente.

Outras atividades importantes na rotina da Educação Infantil são as brincadeiras de roda e cantigas, atividades essas em que se desenvolve, através do brincar, o ritmo, a audição, os movimentos, o equilíbrio, a linguagem oral e a memória, além de abrirem portas para o mundo da imaginação.

Na rodinha, as crianças pegam livros ou outros tipos de gêneros textuais. Conforme vão participando de momentos assim, conseguimos observar que o comportamento delas muda: os gestos, as entonações na voz, a forma de segurar o livro, posicionando-o para que todos vejam, brincando de serem contadores de histórias. Assim, “a professora que lê ou conta histórias na Educação Infantil está contribuindo para o desenvolvimento da linguagem e para a socialização de seu grupo, ampliando seu repertório de experiências e sua competência sociocomunicativa.” (BRANDÃO; ROSA, 2011, p. 37).

Com as vivências na sala de referência, os educadores conseguem observar a evolução das crianças, e aquelas que participam desses momentos de leitura apresentam um desenvolvimento à parte, sendo que muitos chegam tímidos, não conseguem se expressar diante dos colegas. Porém, em roda, é diferente: os personagens e o enredo fazem com que eles consigam falar no grupo: entre uma brincadeira e outra, as crianças vão construindo o que as autoras chamam de identidade grupal, já que “[...] além de partilharem palavras, os integrantes da roda partilham sentimentos, pensamentos, formas de interpretar a si mesmos e a realidade vivida” (BRANDÃO; ROSA, 2011, p. 37).

Uma das grandes contribuições do PNAIC foram os jogos fonológicos do CEEL³, os quais auxiliam muito as práticas de letramento, pois envolvem atividades lúdicas através das quais as crianças aprendem consciência fonológica de uma forma diferente, brincando sem que se tenha a intenção da alfabetização, e sim auxiliam no desenvolvimento de suas habilidades de compreensão e significado do que estão aprendendo. Além disso, através do uso de jogos, a criança consegue estabelecer significados com o mundo que a cerca, ou seja, consegue entender um pouco sobre o mundo adulto e tirar suas próprias conclusões. Pensando nisso, o papel da escola é de suma importância nesse processo, uma vez que, nesse ambiente, as brincadeiras e os jogos têm uma dimensão diferenciada das brincadeiras em outros contextos. Na escola, as brincadeiras e jogos são planejados (ou ao menos deveriam ser) e buscam alcançar objetivos. Vieira (2012, p. 48) destaca que, “ao considerar a etapa inicial de sistematização e o atendimento das demandas identificadas por meio de diagnóstico dos conhecimentos prévios das crianças, a estratégia das atividades diversificadas – caixas de jogos de linguagem – constitui-se em uma rica oportunidade para o processo de aprendizagem da língua no cotidiano

³ Centro de Estudos em Educação e Linguagem da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

escolar”. As fichas de atividades de linguagem escrita também são propostas interessantes a serem trabalhadas com as crianças, já que elas são uma possibilidade de trabalho com a linguagem escrita que podem sim ser lúdicas. Quando pensamos em tarefas com papel, lápis e borracha, podem ocorrer interpretações negativas feitas com base nas propostas voltadas exclusivamente ao treino motor e à memorização das letras. No caso das tarefas que Brandão e Carvalho (2011) mostram, elas não são deslocadas, fazem as crianças pensarem e serem desafiadas a fazerem novas descobertas sobre a língua. Em um dos exemplos de uma ficha de atividade de linguagem, elas falam que, “[...] além do trabalho com as letras por meio de palavras significativas, salienta-se a proposta de análise fonológica, solicitando-se que a criança pense e escreva palavras que iniciem ou rimem com outras.” (BRANDÃO; CARVALHO, 2011, p. 149).

Figura 1 – Ficha de atividade fonológica

ATIVIDADE DE LINGUAGEM

- NO MÊS DE MAIO, COMEMORA-SE O DIA DAS MÃES. ESCREVA NO ESPAÇO ABAIXO O NOME DA SUA MÃE.
- QUANTAS LETRAS HÁ NO NOME DA SUA MÃE? CONTE E REGISTRE NO QUADRO A SEGUIR.
- EXISTE ALGUMA LETRA QUE SE REPETE?
 SIM NÃO
- SE RESPONDEU SIM, ESCREVA QUAL É A LETRA.
- QUE LETRA APARECE APENAS UMA VEZ?
- ESCREVA UMA PALAVRA QUE INICIE COM O MESMO SOM DO NOME DA SUA MÃE.
- AGORA UMA PALAVRA QUE RIME COM A QUE VOCÊ ESCREVEU NO ESPAÇO ANTERIOR.

Fonte: Livro Ler e Escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas (2011).

Aqui pode-se refletir sobre a importância do professor, já que a base está na elaboração das fichas, desde o planejamento do material, da

organização das crianças e da sala até as intervenções realizadas durante os trabalhos com as fichas. Como as autoras complementam, manter a ludicidade e respeitar o desenvolvimento global da criança é o importante em qualquer fase da Educação Infantil.

Aliar isso a um planejamento baseado em observações que tragam as reais necessidades das crianças fará com que as atividades sejam proveitosas para as mesmas. Tudo isso só é possível se os educadores tiverem clareza em seus planejamentos e uma formação continuada que esteja sempre acrescentando saberes, é isso que discutiremos no capítulo a seguir.

3 FORMAÇÃO DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Falar de formação de professores na Educação Infantil é pertinente e necessário. Essa primeira etapa da Educação Básica vem evoluindo, e assegurar que educadores com uma formação adequada estejam nas salas de aula merece ser prioridade pelas mantenedoras. Aliado a isso, começou-se a pensar em espaços de formação que agregassem conhecimentos na trajetória escolar dos professores e educandos. Formações estas que sejam reflexivas, pensem no melhor que pode ser oferecido aos docentes, a fim de que eles estejam preparados para propiciar melhores condições de aprendizagem às crianças. Como nos diz André (2016, p. 21) "pode-se pesquisar e ensinar ao mesmo tempo. Posso extrair de minha ação docente algumas questões intrigantes, às quais são necessários esclarecimentos e, então, me disponho a pesquisar." No dia a dia escolar a Secretaria de Educação do município já planeja formações ao longo do ano letivo. As temáticas são variadas, de acordo com o que os responsáveis julgam pertinente. Cabe ressaltar que os professores não são questionados sobre quais assuntos gostariam de se aprofundar, nem mesmo com algumas temáticas já preestabelecidas.

O mestrado profissional também acompanha a intenção da realização de formações com nossos colegas de trabalho. O olhar aqui é diferente, desafiador, sendo necessário propor e conduzir uma proposta que faça sentido, que seja realmente proveitosa para ambos os lados. A responsabilidade é gigante, mas a vontade de fazer dar certo também. Assim, tudo é planejado com dedicação e olhar atento para que as formações aconteçam com sucesso. Aqui apresento uma reflexão sobre a formação dos professores aliada aos teóricos que venho estudando bem como minhas ideias e conclusões.

O planejamento da intervenção com os professores das escolas Infantis vem desde a temática escolhida, é algo que eu observei e identifiquei que merecia ser discutido: falar de alfabetização e letramento é emergente em salas da pré-escola. Mesmo que não seja explícito, nos corredores os educadores conversam e expõem suas dúvidas. Uns afirmam que a alfabetização é assunto do Ensino Fundamental, e outros que trabalham na perspectiva do letramento ficam muitas vezes em silêncio e até em dúvida se

estão no caminho "certo" ou antecipando uma etapa posterior. Fato é que como nos diz Nóvoa (2009, p. 37) a minha proposta é necessária " [...] porque o reforço de processos de formação baseadas na investigação só faz sentido se eles forem construídos dentro da profissão." Essa percepção de olhar de dentro da escola associada à universidade como em nossa formação faz com que o sentimento de responsabilidade e até medo inicial dê lugar à satisfação de saber que o que está sendo proposto fará sentido às professoras. Nóvoa (2017) também diz que "O primeiro passo da mudança é reconhecer a existência de um problema". (p. 1106) Essa etapa não foi difícil, como já mencionado, justamente por estar inserida no cotidiano escolar pude definir qual problema incomoda não só minhas colegas como a mim também. Quando pensamos em professores que já atuam nas escolas e em sua maioria estão afastados da universidade, participar de um projeto como este é uma forma de ligar essas duas instituições. Olhar essa formação como um lugar de colaboração entre os conhecimentos vindos das escolas e da universidade possibilita a valorização de ambos saberes, unir as duas experiências faz com que essa troca seja rica e os professores não vejam como uma via de mão única. Nem a universidade vem até a escola, nem a escola vai até a universidade. Essas instituições se encontram e caminham juntas com seus conhecimentos, resultando em novas aprendizagens para os dois lados.

Nóvoa (2017) também diz que sente falta de formações com foco nos professores, além de pensar na ligação da universidade com a escola ou a escola com a universidade. Isso o planejamento de nossos encontros também integra, pois além das professoras estarem presentes, fizeram parte da construção do projeto, a partir dos questionários que responderam e da observação das vivências cotidianas no ambiente escolar é que partiram as temáticas que serão abordadas nas rodas de formação.

O eixo de qualquer formação profissional é o contacto com a profissão, o conhecimento e a socialização num determinado universo profissional. Não é possível formar médicos sem a presença de outros médicos e sem a vivência das instituições de saúde. Do mesmo modo, não é possível formar professores sem a presença de outros professores e sem a vivência das instituições escolares. Esta afirmação, simples, tem grandes consequências na forma de organizar os programas de formação de professores. (NÓVOA, 2017, p. 1122)

Nossa formação está criando um ambiente que conta com a universidade, o apoio das escolas e dos professores sem a ambição de uma única voz permear os encontros e sim o que Wenger (2015) traz como o conceito de comunidades de prática. De acordo com este conceito, somos professores que têm interesses em comum e estamos inseridos em um processo coletivo de aprendizagens, que reuniram-se periodicamente para aprendizagem e aplicação do que foi aprendido. Nesses encontros as pessoas trocam experiências, relatam seus problemas e quais soluções encontraram, a partir de um relato já surge outro que também era a angústia de outro participante, gerando um grande processo de aprendizado coletivo.

Seguindo essa linha de pensamento, Wenger (2015) também afirma que a participação deve ser voluntária, a fim de que os membros participem de coração aberto, pela relação de confiança existente. Não é por acaso que as participantes da pesquisa aceitaram estar presentes nas formações, pois, observando por esse viés, percebo que existe uma ótima relação entre eu (enquanto idealizadora das formações) e minhas colegas (voluntárias a participar). Isso fez com que em nossos encontros os diálogos fossem mais fluídos e sinceros.

Os diários de metacognição, que cada professora recebeu para registrar o que achou mais importante de cada encontro também foi uma forma de transformar essa pesquisa em escrita. Muitos professores estão fora do meio acadêmico, de apresentações de trabalhos justamente por acharem que não são mais capazes, ou que isso se faz somente no período que estão cursando a faculdade. Porém as coisas não são bem assim, as reflexões de cada professora fazem parte do acervo da nossa profissão, a pedagogia precisa dos registros de práticas para, assim, pensar novas práticas. “Uma profissão que não se escreve também não se inscreve, nem se afirma publicamente.” (NÓVOA, 2017, p. 1120).

Com esses registros é possível encontrar um rico material para estudo, visto que cada professor é único. Os planejamentos podem ser parecidos, eles podem até trabalhar em conjunto, mas a personalidade de cada um é singular.

Isso valoriza o saber de cada docente como também deixa claro que cada um tem seu papel e importância no todo.

Pelo Governo Federal para a Educação Infantil tivemos o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA entre 2017 e 2018. “Os encontros tiveram como objetivo central instrumentalizar as professoras na constituição de pedagogias que respeitem as crianças enquanto atores de direitos e protagonistas no projeto educacional.” (PEREIRA, 2020, p. 24,25) Foram organizadas oficinas que integraram a teoria e a prática e trataram sobre currículo, rotinas, planejamento e avaliação, falando sobre as especificidades da Educação Infantil, as múltiplas linguagens e os campos de experiência alinhados com a Base Nacional Comum Curricular. A formação usou o material “Leitura e Escrita na Educação Infantil” produzido pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ao final dos encontros foi realizado um seminário de socialização dos projetos desenvolvidos.

Concluindo, falar sobre formação de professores deve ser visto como algo essencial para que seja feito um bom trabalho nas escolas. Cada professor não é um super-herói, também não nasceu com um dom ou algo sobrenatural. São homens e mulheres que decidiram profissionalmente a carreira da docência. E as formações são essenciais para construir a cada dia o professor que estará na sala de aula no outro dia, com uma nova proposta, ou com uma ideia antiga que modificou alguns pontos e irá usar novamente. A cada dia a sociedade recebe pessoas diferentes, com opiniões diferentes e modos de viver singulares, não existe a possibilidade de uma formação de quatro ou cinco anos suprir uma carreira de ensino de trinta ou quarenta anos. Sem dúvidas pensar formações de professores que agreguem e façam sentido para os docentes é um esforço positivo que deve ser realizado com planejamento.

Não é segredo que muitos colegas estão insatisfeitos com o trabalho por vários motivos que aqui não cabe discutir. Entretanto, uma formação bem pensada pode instigar o professor a fazer algo diferente. Pode ser que esse docente perceba que seus colegas também passam por problemas e que mesmo assim estão fazendo ali no mesmo “barco”, buscando fazer um

excelente trabalho. Essas ideias compartilhadas, essas experiências relatadas instigam, fazem com que cada professor relembre uma atividade realizada que foi incrível e que ele se sentiu grato por ter feito.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

4.1 PESQUISA QUALITATIVA

A metodologia utilizada para a realização desta investigação é a qualitativa por compreender que esta é a melhor forma de abranger meu objeto de pesquisa. Como afirmam Lüdke e André (2003, p. 11), "a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento". Tive o objetivo de identificar e analisar as concepções de alfabetização e letramento das docentes da Educação Infantil de Jaguarão e, posteriormente, realizar encontros de formações com elas. Como nos fala Minayo (2010, p.13): "a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado." Em outras palavras, "ela trabalha com significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, valores e atitudes." (MINAYO, 2010, p.13)

A presente pesquisa se deu de forma qualitativa com o intuito de coletar dados para contribuir para que as docentes das EMEIS pudessem rever suas práticas e concepções acerca dos temas letramento e alfabetização na Educação Infantil e também construir juntas ferramentas, através das Rodas de Formação. Nestas Rodas de Formação ocorreram dois momentos: primeiro procurei aprofundar as concepções teóricas sobre o letramento e a alfabetização e, após, confeccionamos materiais didáticos que auxiliaram no trabalho com as crianças. Os sujeitos participantes desta pesquisa foram sete professoras titulares que atuavam com turmas da faixa etária de zero a cinco anos de sete escolas infantis do município de Jaguarão -RS, distribuídas em sete bairros e atendendo a crianças de diferentes níveis socioeconômicos.

O uso da metodologia qualitativa neste trabalho possibilitou uma aproximação entre o mediador e os participantes da pesquisa, uma vez que, nesta perspectiva, as experiências compartilhadas, dúvidas e opiniões encontram-se “postas na mesa”. Bogdan e Biklen (1994, p. 51) complementam nesse sentido dizendo que “o processo de condução da investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado a estes serem abordados por aqueles de forma neutra”. O ponto de vista de todos é levado em consideração e trabalhado a partir de diferentes perspectivas, o que enriquece o resultado.

Para a efetivação da investigação, optei por fazer um questionário semiestruturado para ser respondido pelas educadoras de cada EMEI do município de Jaguarão, a fim de delinear quais suas concepções e dúvidas sobre a alfabetização e o letramento. O questionário “é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.” (MARCONI, LAKATOS, 2003, p. 201) Na fase vivida no mundo atualmente, em função da pandemia da Covid-19, o envio das perguntas facilitou a pesquisa, já que, assim, os professores conseguiram receber virtualmente o questionário e retornar com suas respostas de maneira on-line e segura.

Os participantes foram citados com nomes fictícios, a fim de preservar sua identidade. As escolas foram identificadas com números de 1 a 7. Foi usado um questionário em formulário digital disponibilizado a uma educadora de cada EMEI, contendo perguntas fechadas e abertas, elaboradas com o intuito de conhecer melhor os profissionais que ali atuam: suas trajetórias na escola, conceitos e conhecimentos acerca das questões de letramento e alfabetização na Educação Infantil do município de Jaguarão. As questões que foram feitas às educadoras apresento a seguir:

- 1- Na sua opinião, qual é a função da Educação Infantil?
- 2- O que você entende por alfabetizar?
- 3- O que você entende por letramento?

- 4- Qual relação você estabelece entre Educação Infantil, letramento e alfabetização?
- 5- Você desenvolve atividades para promover a alfabetização e o letramento? () sim. Quais? () Não . Por quê?

De posse dos dados dos questionários, foi possível planejar Rodas de Formação que contemplem o que foi citado pelas professoras. Nestas Rodas de Formação, como dito, abordei o conceito de alfabetização e letramento, os principais autores que tratam acerca do tema e atividades práticas para realização com as crianças que podem ser compartilhadas entre as docentes.

4.2 NATUREZA DA PESQUISA

Optei também pela pesquisa-ação como caminho metodológico, visto que as participantes estão envolvidas diretamente neste trabalho, tanto no questionário inicial quanto nas Rodas de Formação que nortearam todo o desenvolvimento da proposta. Foram sete(7) professores que participaram da roda de formação, professoras da Educação Infantil.

A contribuição das participantes para esta discussão foi a base para que os objetivos do trabalho fossem atingidos.

Como promoção positiva no projeto como um todo, deve-se ter como meta que um projeto de pesquisa-ação:

- 3.3.1 - trate de tópicos de interesse mútuo;
- 3.3.2 - baseie-se num compromisso compartilhado de realização da pesquisa;
- 3.3.3 - permita que todos os envolvidos participem ativamente do modo que desejarem;
- 3.3.4 - partilhe o controle sobre os processos de pesquisa o quanto possível de maneira igualitária;
- 3.3.5 - produza uma relação de custo-benefício igualmente benéfica para todos os participantes;
- 3.3.6 - estabeleça procedimentos de inclusão a decisão sobre questões de justiça entre os participantes. (TRIPP, 2005, p. 455)

Assim, o processo formativo se deu de forma coletiva, uma vez que as participantes contribuíram para o desenvolvimento da proposta: “isso porque os resultados de cada ciclo determinarão o que acontecerá a seguir e não há como dizer de saída onde o processo levará.” (TRIPP, 2005, p. 459) Por isso a ideia foi ter um instrumento de registro, um diário de bordo, em que as participantes apontassem para o que seria visto na próxima Roda de Formação. Assim, nas rodas de conversa, a pesquisa-ação é dinâmica, considerando que, ao longo das atividades realizadas, o autor pode flexibilizar o que está sendo abordado. Esse vai e vem faz parte das circunstâncias internas de cada participante do grupo. Aqui o roteiro não deve ser visto como cansativo, e sim um esboço de partida que será concretizado na ação dos indivíduos ao longo do processo. Thiollent (1986, p. 66) afirma que tanto os pesquisadores quanto os participantes “aprendem algumas coisas ao investigar possíveis ações cujos resultados oferecem novos ensinamentos”. Sendo assim, é claro que a contribuição de cada uma é pano de fundo para que essas aprendizagens sejam realizadas. Ao vivenciar cada Roda de Formação, foi possível registrar as percepções das professoras. Registros esses que foram abordados ao longo desta escrita.

Destaco que as atividades coletivas foram realizadas nesta pesquisa. Entretanto, fizemos uso do questionário individual, não só como expressão crítica de cada envolvido, mas também devido ao cenário atual de pandemia vivido, no qual foi aconselhado o distanciamento social.

A escolha dos participantes da pesquisa tem papel fundamental para a coleta de dados. Eles irão provocar a busca pelo aporte teórico apropriado, um conteúdo que realmente venha ao encontro dos interesses e necessidades dos sujeitos participantes da pesquisa.

Após a entrega dos questionários, foi realizada a análise das respostas das professoras e, depois disso, tornou-se possível realizar o planejamento das Rodas de Formações com as educadoras. Cecília Warschauer (2017, p. 129) nos diz que “há várias maneiras de explicitar o que é a Roda e sua complexidade. Entretanto, quando ela se constitui, extrapola qualquer forma objetiva de capturá-la.” É nesse sentido que optei pela organização da roda,

um momento em que há planejamento prévio e expectativas, mas o que realmente irá acontecer após o início não pode ser delineado. “Há algo na esfera das sincronicidades, da afetividade, da emoção que quem vive sente.” (WARSCHAUER, 2017, p. 129).

Inicialmente os sujeitos podem sentir algum receio em expor suas práticas e conceitos publicamente. Entretanto, conforme nos diz Warschauer (2017) essa abertura para o diálogo é construída aos poucos. Tendo essa premissa, nossa primeira roda contou com as respostas dos questionários com identificação totalmente anônima, um modo de organização que deixou o grupo à vontade para discutir as respostas de cada conceito sem assumir autoria. Por conseguinte, após os participantes se sentirem mais à vontade no espaço, pudemos desenvolver as oficinas com maior segurança.

A Roda é uma continuidade de encontros com um mesmo grupo de pessoas, em uma frequência estabelecida para esses encontros, centrados nas reflexões e na sua partilha. É um espaço seguro para se conversar mais abertamente. (WARSCHAUER, 2017, p. 131).

A clareza dos conceitos de alfabetização e letramento na Educação Infantil é importante para as docentes saberem teorizar e em quem se apoiar na prática pedagógica: isso é fundamental para a construção de um trabalho sólido. Sendo assim, a parte prática planejada para as rodas foi de grande valia. O lúdico nesses momentos não é apenas um exercício manual de confecção de alguns materiais, por exemplo. É algo amplo e que deve ser levado em consideração. As habilidades trabalhadas nessas atividades perpassam a sensibilidade, a comunicação e integração das participantes. São nesses momentos que as educadoras se sentem mais à vontade para compartilhar seus saberes e refletir as experiências do grupo.

Abaixo teremos o quadro das participantes da pesquisa. Os dados presentes nele foram coletados através de um questionário on-line enviado para as professoras. O município de Jaguarão conta atualmente com sete escolas públicas de Educação Infantil. Assim, visando abarcar todas as EMEIs, optou-se por convidar um docente de cada escola. Nosso corpo docente conta apenas com professoras, por isso não encontramos nenhum professor entre os sujeitos da pesquisa. Entrando em contato com as

professoras, foi feito o convite, sendo que algumas disseram que no momento não estavam disponíveis para participar e, com o aceite de pelo menos uma professora de cada escola, nosso corpo docente tornou-se completo. Será possível observar no quadro a formação, tempo de atuação e turma de cada colaboradora.

Quadro 1 – Dados das participantes da pesquisa

PROFESSORA	ESCOLA	FORMAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO	TURMA
Adriana	1	Licenciatura em Pedagogia	1 ano e 4 meses	Pré II
Bianca	2	Licenciatura em Pedagogia e Pós-graduação em Educação Infantil	1 ano e 7 meses	Creche III
Carolina	3	Licenciatura em Pedagogia, Especialização em Educação Ambiental e mestrado em Educação	8 anos	Pré II
Denise	4	Licenciatura em Pedagogia, Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional e mestrado em Educação	8 anos	Pré I
Élida	5	Licenciatura em Pedagogia e Especialização em Gestão Educacional	22 anos	Gestora
Fabiana	6	Licenciatura em Pedagogia e Pós-graduação em Psicopedagogia	18 anos (escola pública e privada)	Creche III e pré IV
Geórgia	7	Licenciatura em Pedagogia e Pós-graduação em Orientação e Supervisão Escolar.	8 anos	Creche III

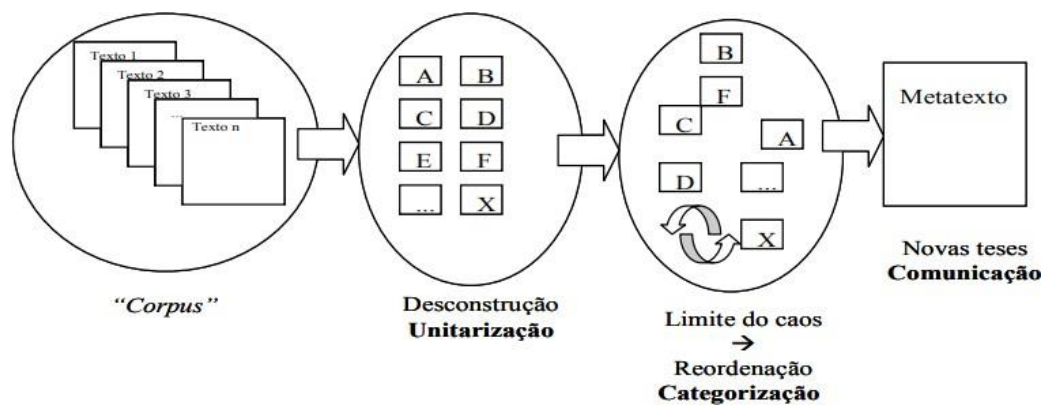
Fonte: Da pesquisadora, a partir das respostas do questionário.

4.3 ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA

Utilizarei como inspiração para análise dos questionários e dos dados coletados nas Rodas de Formação a análise discursiva, na qual o pesquisador atribui significados aos materiais textuais a partir de seus conhecimentos, intenções e teorias. Comunicar e emergir novos sentidos e significados correspondem aos objetivos da análise. (MORAES; GALIAZZI, 2007).

Analisar os dados do questionário, os registros das formações e os diários escritos pelas professoras na perspectiva discursiva vai ao encontro como que Roque Moraes compara a uma tempestade de luz. A partir de uma situação caótica e desordenada, é possível emergir raios de luz iluminando a investigação e, assim, alcançando novas compreensões sobre a pesquisa. Trago a figura 1 que apresenta claramente essa metodologia e será explicada a seguir.

Figura 2 - Sistematização do processo de Análise Textual Discursiva



Fonte: Torres et al. (2008)

O *corpus* é um conjunto de documentos sejam eles escritos, em vídeo, imagens ou falas selecionados pelo pesquisador para que se obtenham bons materiais de pesquisa. De posse do que foi analisado, passamos ao segundo passo, que é a desconstrução e unitarização do *corpus*. Neste momento, foram feitos a análise das respostas enviadas pelas professoras e um direcionamento

para os detalhes de cada fala, a fim de identificar os diferentes sentidos apresentados ali. Sem pretensão de chegar a um final engessado, “é o próprio pesquisador que decide em que medida fragmentará seus textos, podendo daí resultar unidades de análise de maior ou menor amplitude.” (MORAES, 2003, p. 195) Já na terceira etapa, temos a categorização. Esses fragmentos geram o que o autor chama de unidades de análise. Para tal, o pesquisador pode utilizar códigos para indicar a origem de cada unidade, por exemplo, atribuindo uma letra ou número para cada documento do *corpus*. Essas unidades de análise são definidas de acordo com o propósito de cada pesquisa e nelas reunimos os elementos textuais de acordo com seus sentidos e significações. Por fim, contamos com a comunicação, na qual o autor irá escrever seus textos descritivos e interpretativos sistematizados com base nas compreensões dos materiais analisados e na bagagem teórica do investigador.

Sendo assim, com o presente trabalho, farei a conexão com a bagagem que trago comigo, seja acadêmica, seja construída ao longo de minha trajetória profissional. De posse dos questionários e dos registros coletados nas Rodas de Formação junto com os diários, será possível identificar, mesmo que de forma prematura, os conhecimentos, as intenções e teorias das professoras a partir do meu olhar com a ajuda da teoria. Outro aspecto que levo em consideração é o de que, ao longo desta escrita, estive em constante construção, ampliando meus conhecimentos e a visão acerca dessa pesquisa. A etapa de Análise Textual Discursiva favoreceu a prática teórico-metodológica e garantiu uma melhor análise dos dados.

4.4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DIAGNÓSTICA DAS RESPOSTAS DAS PROFESSORAS

A busca para a realização do diagnóstico da pesquisa se deu a partir do tema: concepções docentes sobre letramento e alfabetização e, conseqüentemente, pela definição dos sujeitos que se adequam aos interesses do presente trabalho. Pensando em meu ambiente de trabalho e todos os questionamentos acerca do letramento na Educação Infantil, pude entender

que deveria buscar subsídios que justificassem a escolha de onde realizar a intervenção, sendo as professoras escolhidas parceiras na formação, visando uma troca de saberes com o intuito de aperfeiçoar cada vez mais nossa prática docente.

Propus primeiramente um questionário com perguntas fechadas e abertas, que foi enviado para as professoras no mês de dezembro de 2020. Através do Google Forms, foram criadas as perguntas e enviado para cada educadora o link para acesso. Para a elaboração do instrumento de pesquisa, selecionei questões que pudessem estabelecer o perfil das professoras e, como nos diz Marconi e Lakatos (2003), o vocabulário foi articulado de forma clara, com perguntas diretas e de fácil compreensão. Isso facilita para os participantes e para o pesquisador no momento da análise.

Para as questões do perfil das professoras, escolhi algumas que pudessem esclarecer sua formação, quanto tempo de atuação na área da Educação Infantil, bem como a turma com a qual trabalha. Essas questões de perfil fizeram parte do cabeçalho do referido instrumento. As questões que propriamente darão seguimento ao projeto de intervenção são de suma importância para delimitar o próximo passo do projeto, que se dará em rodas de formação.

Primeiramente, para analisar as questões, apresentarei o referencial teórico para embasar a análise dos dados pesquisados, fazendo uma reflexão sobre as questões da função da Educação Infantil no processo do letramento. A escolha das questões que falavam sobre a formação e a turma de regência visaram uma análise mais direcionada para olhar se a formação do professor condizia com a turma em que atua. As políticas públicas asseguram que a formação do educador deve ser adequada para o nível que trabalha. Vários autores, como Vieira (1998) e Campos (1994), investigaram a identidade dos profissionais que atuam na Educação Infantil. No decorrer dos anos, a profissão desses sujeitos passou por diversas mudanças, mas ainda atualmente, mesmo sendo a educação de crianças pequenas na primeira etapa básica da Educação garantida por várias leis, muitos profissionais atuam nesse nível sem a

formação adequada, e há uma grande defasagem em relação a salários e carreiras de outros profissionais que exercem as mesmas funções.

A LDB – Lei nº. 9.394/96 passou a conceituar o profissional de Educação Infantil como professor, definindo sua identidade e demandando sua participação na construção da proposta pedagógica da instituição em que trabalha (Art. 12 e Art.13). Além da LDB, outras leis foram aprovadas reforçando determinações quanto à formação básica dos profissionais que atuam na Educação Infantil, além dos direitos dos docentes (plano de carreira, condições adequadas de trabalho, tempo incorporado em sua carga horária de trabalho para formação e estudos) e dos deveres (formação superior, admitida a formação mínima em nível médio, na modalidade normal). Duas dessas leis foram fundamentais na configuração de um cenário que leva à valorização e profissionalização dos professores de todos os segmentos da Educação Básica e, portanto, da Educação Infantil: a Lei de piso salarial, Lei nº 11.739/08, e o PNE (2014-2024).

Pesquisas sobre o desenvolvimento humano, formação da personalidade, construção da inteligência e aprendizagem nos primeiros anos de vida apontam para a importância e a necessidade do trabalho educacional nesta faixa etária. Da mesma forma, as pesquisas sobre produção das culturas infantis, história da infância brasileira e pedagogia da infância, realizadas nos últimos anos, demonstram a amplitude e a complexidade desse conhecimento. [...] Neste contexto, são reconhecidos a identidade e o papel dos profissionais da Educação Infantil, cuja atuação complementa o papel da família. A prática dos profissionais da Educação Infantil, aliada à pesquisa, vem construindo um conjunto de experiências capazes de sustentar um projeto pedagógico que atenda à especificidade da formação humana nessa fase da vida. (BRASIL, 2006, p. 7).

A partir daqui se estabelece, em termos legais, a inclusão de crianças de zero a cinco anos na Educação Infantil, sendo obrigatória essa etapa de educação básica a partir dos quatro anos. É necessário que os profissionais que atuam com essas crianças tenham formação específica. Tornou-se importante dar subsídios a esses profissionais e proporcionar-lhes o direito a autonomia e aquisição de saberes construídos coletivamente. No que tange às

professoras da minha pesquisa, todas elas possuem formação necessária para atuarem nessa etapa da Educação Básica.

O propósito desta pesquisa é de contribuir e dialogar com meus pares sobre a indissociabilidade entre os conceitos de alfabetização e letramento na Educação Infantil das escolas públicas municipais de Jaguarão.

Agora serão apresentados os dados coletados com o questionário, explicitando cada pergunta com as respostas de todas as professoras participantes, bem como o diálogo com a teoria.

Quadro 2 – Respostas à questão 1 do questionário.

1- Na sua opinião qual é a função da Educação Infantil?
Professora Adriana - Escolarização para crianças, a Educação infantil tem um papel de educar e cuidar, nesta etapa de ensino as aprendizagens devem acontecer de forma lúdica.
Professora Bianca - Educação infantil na minha opinião é a etapa mais importante na vida escolar de uma criança, é a BASE para o aprendizado, tendo por função o desenvolvimento integral da criança. Nesse período, as crianças são estimuladas - através de atividades lúdicas, jogos e brincadeiras a exercitar suas potencialidades emocionais, sociais, físicas, motoras, cognitivas e a fazer exploração, experimentação e descobertas. A etapa da Educação Infantil é fundamental para o desenvolvimento da criança, serve como alicerce para o conhecimento que a criança vai adquirir durante a vida.
Professora Carolina - Desenvolver a autonomia e as relações sociais nas crianças pequenas, bem como a aprendizagem de valores culturais, sociais e afetivos.
Professora Denise - Desenvolver a criança, respeitando a idade.
Professora Élide - Estimular as crianças, proporcionando meios para desenvolver suas potencialidades.
Professora Fabiana - Desenvolvimento da criança em todos os aspectos: físicos, intelectual, social, psicológicos...junto à comunidade e a família.
Professora Geórgia - Socialização das crianças e através desse coletivo proporcionar aprendizagens de maneira lúdica nas diversas áreas do conhecimento.

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao serem questionadas sobre a função da Educação Infantil, foi possível perceber que todas as respostas falaram do desenvolvimento da criança nos aspectos físico, intelectual, social, psicológico, entre outros. A professora Adriana traz o cuidar e o educar juntos nessa fase e fala que as aprendizagens devem acontecer de forma lúdica. A BNCC corrobora esta ideia quando fala

que, “nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo.” (BRASIL, 2017, p. 36) Essa ideia é muito importante para o desenvolvimento de atividades pedagógicas desde os bebês; no início as creches prestavam serviço assistencialista aos pequenos, apenas o cuidar. Com os novos estudos surgindo, voltou-se um novo olhar para essa etapa e percebeu-se que aliar atividades lúdicas com interações e brincadeiras faz a criança construir e apropriar-se de conhecimentos.

A professora Bianca fala de um aspecto importante quando diz que nessa etapa devemos promover o desenvolvimento integral da criança e que ela é o alicerce para as outras etapas que vem após a Educação Infantil. Esse ponto apresentado é interessante e merece uma análise mais detalhada. As crianças irão passar cinco anos na Educação Infantil, algumas um pouco menos, dependendo de quando ingressarem. No geral podemos considerar minimamente um ano ou dois convivendo nas EMEl e dando o pontapé inicial na sua trajetória escolar. Nessa faixa etária também deve ser função pensar e preparar esses alunos para seguirem seus estudos. Os conhecimentos vistos ali serão ampliados com a passagem para o Ensino Fundamental, e essa ligação se dá justamente pela elaboração dos currículos e das propostas pedagógicas que pensam nessa aprendizagem como sendo contínua. Portanto, essa etapa requer atenção para que as instituições garantam “[...] **integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças.**” (BRASIL, 2017, p. 53, grifo do autor)

As professoras Carolina, Denise, Élide e Fabiana mencionam que é função da Educação Infantil desenvolver e estimular as crianças em amplos aspectos, sendo que o desenvolvimento integral das crianças também está assegurado nos objetivos de aprendizagem da Base Nacional Comum Curricular, como vemos a seguir:

[...] a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as

crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano. (BRASIL, 2017, p. 43)

É positivo ver que todas as professoras registraram em suas respostas que a Educação Infantil é algo mais do que o simples cuidar. Sem dúvida, isso é fruto do aperfeiçoamento de cada uma, da constante aprendizagem que nós docentes devemos manter. Por terem aceitado participar de nossos encontros de formação, já é possível identificar que a formação continuada, os cursos e vários outros suportes ofertados para os professores em exercício são valiosos para o saber docente.

Quadro 3 – Respostas à questão 2 do questionário.

2- O que você entende por alfabetização?
Professora Adriana - Entendo como a codificação de palavras, o ser alfabetizado é aquele que lê e escreve, acrescento ainda, compreende aquilo que lê.
Professora Bianca - A alfabetização consiste na aprendizagem do código de leitura e escrita. É o processo que a criança aprende a decodificar os elementos que compõem a escrita.
Professora Carolina - É o momento definido como aprendizagem do código linguístico. É onde se desenvolve a habilidade de ler e escrever de maneira adequada.
Professora Denise - Processo de aprendizagem para ler e escrever.
Professora Élide - Momento o qual o indivíduo já se apropriou do conhecimento e significado das letras e, agora, começa a usá-la de maneira sistemática.
Professora Fabiana - Aprendizado do alfabeto em si, utilizando-o para ler e escrever.
Professora Geórgia - Codificar e decodificar textos, quando a criança consegue ler e escrever com autonomia.

Fonte: Elaborado pela autora.

A segunda pergunta do questionário se referia ao que as educadoras entendiam por alfabetização. Pode-se notar que todas as respostas falaram da aprendizagem das letras e da leitura de palavras. A professora Adriana disse que *alfabetizado é aquele que lê e escreve, acrescento, ainda, compreende aquilo que lê*. Essa ideia vem ao encontro com o que nos diz Soares (2020, p. 27): “[...] habilidades de escrever ou ler [...]”. A autora não reduz o conceito a essas palavras, aprender a tecnologia da escrita não é algo que possa ser resumido a tão pouco, mas, sim, ler e escrever fazem parte do processo de alfabetização. Já a professora Fabiana disse que a alfabetização é o *aprendizado do alfabeto em si, utilizando-o para ler e escrever*. Aqui a educadora concorda com as demais quando traz a questão de ler e escrever, mas enfatiza que o aprendizado do alfabeto leva a isso. É algo histórico, antigamente “considerava-se que aprender a ler e escrever dependia, fundamentalmente, de aprender as letras, mais especificamente, os nomes das letras.” (SOARES, 2019, p. 17) Esse método de soletração combina as vogais e as consoantes a fim de formar sílabas, palavras e frases. Não podemos negar que esse ensino está focando na grafia e deixando de lado a oralidade. Precisamos lembrar que as letras não possuem sons, apenas representam os sons da língua. A professora Geórgia traz as palavras codificar e decodificar em sua conceituação de alfabetização, algo que não foge das outras respostas, estamos falando aqui do domínio mecânico da língua, codificar – escrever e decodificar – ler. Aqui a alfabetização é a representação dos fonemas em grafemas (quando escrevemos) e dos grafemas em fonemas (quando lemos). Alguns métodos trabalham nessa perspectiva, mas aplicar uma total veracidade a essa afirmação também não parece ser a melhor saída. “Sem dúvida a alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas, e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito.” (SOARES, 2016, p. 16) Mesmo combinando esses dois conceitos, ainda não é possível colocar um ponto final: Magda Soares nos diz que eles ainda são parcialmente verdadeiros. Quando falamos da língua escrita, muitos aspectos devem ser levados em consideração. Sem dúvida, esses dois pontos de vista são os mais comuns no debate sobre a alfabetização, mas podemos pensar

em algo mais coletivo, um olhar que se direcione para os aspectos sociais. Por esse fato não podemos “encaixar” o conceito e darmos como pronto: cada ser humano está inserido em uma cultura e sofre todas as consequências culturais, econômicas, tecnológicas, familiares, etc.

[...] uma teoria coerente de alfabetização deverá basear-se em um conceito desse processo suficientemente abrangente para incluir a abordagem „mecânica’ do ler/escrever, o enfoque da língua escrita como um meio de expressão/compreensão, com especificidade e autonomia em relação à língua oral, e, ainda, os determinantes sociais das funções e fins da aprendizagem da língua escrita. (SOARES, 2016, p. 18)

Inicialmente, embora com algumas divergências, nenhuma educadora deixou de levar em consideração a leitura e a escrita no processo de alfabetização. Mesmo que de maneira superficial, todas as professoras foram ao encontro do que sustenta a teoria deste projeto e que, sem dúvidas, será conversado e aprofundado ao longo dos nossos encontros de formação.

Quadro 4 – Respostas à questão 3 do questionário.

3- O que você entende por Letramento?
Professora Adriana - Letramento trata-se da leitura não convencional, a realizada a partir de imagens, a interpretação a partir de desenhos, a identificação de marcas, ou a compreensão de histórias. O ser letrado é aquele que faz a leitura de mundo.
Professora Carolina - É o uso funcional e social da leitura e da escrita e o uso dessas habilidades para atingir objetivos, desenvolver o próprio conhecimento e agir.
Professora Denise - Conhecimento do mundo letrado, isto é, percebe e começa a ter contato dando significado às letras, mesmo ainda sem o conhecimento sistematizado, não alcançou o estágio o qual designamos como alfabetizado. visão limitada, do letramento emergente.
Professora Élide - O uso social do processo, uma pessoa não alfabetizada pode fazer uso do letramento, como saber o ônibus que deve pegar, por exemplo.
Professora Fabiana - O entendimento desse aprendizado, ou seja, entendimento da leitura e escrita para que possa utilizar em seu meio social.
Professora Geórgia – O contato com diferentes gêneros textuais de maneira lúdica a fim de entender as práticas sociais que usam a escrita.

Fonte: Elaborado pela autora.

É possível separar as respostas em alguns grupos diferentes, porém que se entrelaçam: as professoras Bianca, Carolina, Denise, Fabiana e Geórgia mencionam que letramento tem a ver com o entendimento/uso da leitura e da escrita nas práticas sociais. Ainda tivemos a professora Geórgia, que concebe o letramento como o contato com diferentes gêneros textuais de maneira lúdica. Soares (2020, p. 27) aponta maiores esclarecimentos sobre letramento e nos diz que é a “capacidade de uso da escrita para inserir-se nas práticas

sociais e pessoais que envolvem a língua escrita [...]”, bem como “[...] habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; [...]”. Logo, todas as professoras trazem aspectos relevantes e que fazem parte do conceito de letramento. A partir de 1980, no Brasil, o letramento passa a fazer parte do universo educacional e das rodas de debate, vários artigos e livros passaram a tratar desse tema. Entretanto, esse conceito não tomou rumos parecidos. Enquanto os outros países trataram esses conceitos individualmente, de forma independente, em nosso país alfabetização e letramento “se mesclam, se superpõem, frequentemente se confundem.” (SOARES, 2004, p. 7). Mesmo ainda sendo um assunto turbulento nas discussões do meio pedagógico, é possível entender que o letramento

Se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e de escrita, e o conseqüente desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita [...] (SOARES, 2004, p. 16).

Neumann e Pereira (2020, p.89) contribuem dizendo que “cada indivíduo é letrado conforme suas vivências, experiências, o lugar em que vive e o que presencia diariamente, uma vez que faz uso social das práticas de leitura e escrita.” Quando as educadoras responderam o questionário acerca desse conceito, consideraram o ser letrado uma pessoa não alfabetizada que pode fazer uso do letramento(Professora Denise).

[...] a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhes são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, é analfabeta, pois ainda não aprendeu a ler, mas já entrou no mundo do letramento, e já é de certa forma letrada. (SOARES, 2017, p. 24)

Então podemos considerar letrada a pessoa que não consegue ler /escrever convencionalmente, mas faz uso de conhecimentos sobre a escrita, capaz de pegar uma condução correta, anotam compras em uma caderneta ao seu modo. Esta pessoa não está alfabetizada, mas é um ser letrado, pois consegue fazer o uso social da língua escrita, por estar imersa nesta cultura.

Quadro 5 – Respostas à questão 4 do questionário.

4- Qual a relação você estabelece entre Educação Infantil, letramento e alfabetização?
Professora Adriana - O letramento está presente na Educação Infantil desde a creche I, quando se apresenta a chamadinha para as crianças, realiza-se contação de histórias ou apresenta-se objetos, já a alfabetização não vejo como um objetivo para esta etapa, mas acredito que quando existem muitas atividades relacionadas ao letramento, pode se ter a alfabetização como consequência de aprendizagem.
Professora Bianca - Alfabetização e letramento são duas coisas distintas, uma criança pode ser alfabetizada e não necessariamente letrada e vice-versa, mas ambos possuem a mesma importância. Quando falamos em alfabetização, logo nos vem em mente um monte de letras, símbolos de linguagem, códigos etc. Quando falamos em letramento pensamos muito além disso, pois ela se refere a interpretação, compreensão, uso da língua nas práticas sociais etc. Quantas vezes vimos e ouvimos falar que alguma pessoa leu algo e não entendeu? Ou que tem certa dificuldade em interpretar textos? Provável que essa pessoa seja alfabetizada e não letrada. Nós professores, devemos ter em mente que esses dois processos são de extrema importância para o desenvolvimento do ser humano e que deve ser trabalhado em conjunto desde muito cedo na Educação Infantil. Uma prática pedagógica que propicie o desenvolvimento de atividades significativas, por exemplo, pode contribuir muito para que nossos alunos desenvolvam conhecimentos sobre o sistema de escrita desde a Educação Infantil. Soares (2009), afirma que na Educação Infantil deve estar presente tanto atividades de introdução da criança ao sistema alfabético e suas convenções alfabetização, quanto às práticas de uso social da leitura e da escrita – letramento.
Professora Carolina - Uma relação muito estreita e importante para o desenvolvimento psico/cognitivo/afetivo/social de crianças na faixa etária da EI.
Professora Denise - Nas minhas aulas não faço alfabetização, mas tem uma relação de letramento.
Professora Élide - Creio que a Ed. Infantil é um dos meios pelo qual trabalhará, servindo de facilitadora para que aconteça o processo de letramento e após alfabetização.
Professora Fabiana - Na Ed. infantil se trabalha muito com o lúdico, o que é fundamental para o aprendizado a partir daí já se pode oferecer um espaço de acesso para leitura e escrita participando de práticas sociais desde bem cedo.
Professora Geórgia - Ambos estão interligados, a Educação Infantil aproxima as crianças do contexto escolar e através do letramento elas compreendem que é com letras que se escreve, que nosso mundo é cheio de palavras e dentro disso vai aprendendo a ler e a escrever.

Fonte: Elaborado pela autora.

Verifiquei, por meio das respostas das minhas colegas sobre os conceitos que são pertinentes a esta pesquisa, que algumas se sentem receosas em trabalhar ou não com letramento e alfabetização na Educação Infantil, até mesmo por ser uma orientação da mantenedora não trabalhar alfabetização nesta etapa da Educação Básica.

A alfabetização é um processo que começa muito antes da entrada da criança na escola, mesmo que não se pretenda alfabetizar uma criança sistematicamente na Educação Infantil, a cultura escrita já está mais do que explícita ao seu redor.

Deve-se cuidar para não privilegiar um ou outro processo (alfabetização/letramento) e entender que eles são processos diferentes, mas indissociáveis e simultâneos. Assim como descreve Soares (2003, p.11):

Entretanto, o que lamentavelmente parece estar ocorrendo atualmente é que a percepção que se começa a ter, de que, se as crianças estão sendo, de certa forma, letradas na escola, não estão sendo alfabetizadas, parece estar conduzindo à solução de um retorno à alfabetização como processo autônomo, independente do letramento e anterior a ele.

Sobre alfabetização, as professoras apresentaram de certa forma o mesmo conceito. Todas as professoras dizem que não trabalham alfabetização e somente trabalham as questões de letramento na Educação Infantil, exemplificando que trabalham atividades como jogos, desenhos, músicas e literatura.

Algumas professoras afirmam não ser função da Educação Infantil alfabetizar. Essa posição também revela um determinado conceito de alfabetização e que, provavelmente, se distancia da noção de que a aprendizagem da linguagem escrita começa quando o bebê e a criança pequena esboçam suas primeiras representações por meio de gestos, desenhos e brincadeiras.

Deve se ensinar a ler e a escrever na pré-escola ou não? Minha resposta é simples: Não se deve ensinar, porém deve-se permitir que a criança aprenda. Qual a única maneira de permitir a alguém –

criança ou adulto – que aprenda algo a respeito de certo objeto do conhecimento? Permite-lhe que entre em contato, que interaja com esse objeto (FERREIRO, 1999, p. 38).

Quanto às professoras que afirmam não ser função da Educação Infantil alfabetizar, seriam essas mesmas professoras as que afirmam realizar atividades que envolvem a aprendizagem das características e a funcionalidade da escrita, como escrita dos nomes em crachás, ler histórias, mostrar livros, trabalhar os nomes, saber a lixeira correta para a coleta seletiva, como nos fala Ferreiro (1999).

É preciso que as professoras tenham clareza acerca dos conceitos de alfabetização, letramento e sua indissociabilidade para que saibam se posicionar em relação a essa discussão, com o intuito de planejar e desenvolver práticas pedagógicas comprometidas com o direito da criança de participar como membro ativo da cultura escrita.

Quadro 6 – Respostas à questão 5 do questionário.

5- Você desenvolve atividades para promover a alfabetização e letramento?
Professora Adriana – Hora do conto, contação de histórias por parte dos alunos, elaboração de textos coletivos, chamadinha, exploração de receitas...
Professora Bianca – Atividades com músicas, faz de conta, trava língua, parlendas, ampliação do vocabulário através de diferentes gêneros textuais, cantigas. Provocar reflexões, leitura de histórias, contação de histórias por parte das crianças, resoluções de problemas etc.
Professora Carolina – Momentos de leitura, contação de histórias, dramatizações, leitura de livros pelos alunos (do seu jeito), jogos e brincadeiras com letras e seus sons, músicas, construção de textos coletivos, trabalho com o nome e suas letras, etc.
Professora Denise – Letramento, quando estou lendo histórias, mostrando livros, trabalhamos os nomes, saber a lixeira correta para a coleta seletiva.
Professora Élide – Estamos inseridos num contexto rodeado de símbolos que nos remete a significados, mesmo ainda muito pequenos, por isso podemos trabalhar em diversas atividades, tais como receitas (trabalhamos rótulos), passeios (passamos por comércios, placas ...) revistas e jornais com recorte e colagem e outras, como as próprias embalagens dos materiais vindos de casa, na rotina “Hora da Chamadinha” (letras do nome). Enfim, são muitas atividades que temos a possibilidade de trabalhar o letramento em sala de aula.
Professora Fabiana – Brincadeiras com frases, versos, cantigas de roda, movimentos com o corpo, dança, etc.
Professora Geórgia – Leitura de diferentes portadores de texto, jogos que estimulam a consciência fonológica.

Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa questão todas as professoras responderam com vários exemplos, e as professoras Denise e Élide mencionaram o letramento em suas respostas. Ninguém diferenciou as atividades de letramento e de alfabetização, mas é observável nos exemplos citados por elas que são atividades que estimulam o

letramento. A alfabetização enquanto continuidade desse processo já no ensino fundamental não aparece claramente e com intervenções concretas nessas respostas. Como já mencionado na Base Nacional Comum Curricular, é preciso garantir que essa passagem da Educação Infantil para os Anos Iniciais seja uma continuidade e ampliação do que já foi estudado.

Então as habilidades estimuladas através dos exemplos citados pelas docentes são a base para estudos mais avançados quando essas crianças chegarem ao Ensino Fundamental, por isso a indissociabilidade entre ambos os conceitos. Brandão e Leal (2011, p. 30) dizem que “[...] na Educação Infantil é possível estimular a criança a perceber que há muitas maneiras de captar e expressar sentimentos, conhecimentos e ações: a leitura e a escrita de textos é apenas uma dessas maneiras”. Como fala a professora Élide, é preciso ser menos sistemático nas metodologias para a realização de atividades lúdicas e enriquecedoras. Tudo depende do planejamento e da organização de cada professor, observando o que é possível avançar e o que deve ser retomado. Contamos com projetos que podem contribuir para que as crianças formulem hipóteses acerca das funções e funcionamento da escrita; elas já fazem perguntas sobre as escritas a sua volta, independente do direcionamento dos planejamentos do professor. “Assim defendemos o espaço da linguagem escrita, ao lado das outras tantas linguagens (plástica, corporal, musical, de faz de conta) em que os meninos e meninas podem se expressar e se desenvolver.” (BRANDÃO; LEAL, 2011, p. 13).

5 POSSIBILIDADES DAS RODAS DE FORMAÇÃO

Os sujeitos da pesquisa foram convidados para participarem de uma formação continuada que visasse a troca de saberes e proporcionasse a interação entre eles. Contudo, como estivemos na modalidade remota, foram pensadas estratégias para dar sequência à pesquisa, as quais mostrarei a seguir.

Primeiramente utilizei o questionário como fonte de dados, o qual me deu subsídio para direcionar quais temáticas seriam abordadas. Na formação continuada realizei rodas de conversa via plataforma Google Meet. As participantes registraram o que entenderam de cada formação em diários que foram entregues às mesmas antes do início das rodas. Além do registro do que foi discutido em cada encontro, também puderam deixar sugestões para serem debatidas nos próximos. Ocorreram cinco encontros uma vez por semana com duração de mais ou menos duas horas. Os encontros foram gravados e organizados da seguinte forma:

Primeiro encontro: Inicialmente foi feita a apresentação das participantes da pesquisa através de uma sala interativa, onde cada uma apresentou seu avatar, descrevendo como se vê. Após, fizemos o levantamento coletivo dos conhecimentos prévios das professoras sobre os conceitos de alfabetização, letramento e a função da Educação Infantil. Fizemos isso através de uma nuvem de palavras na plataforma interativa Mentimeter. Conforme foi feita a leitura das palavras respondidas nas nuvens, compartilhamos as opiniões de cada professora aliando a teoria. Para os conceitos de alfabetização e letramento, estudaremos o que nos diz a autora Magda Soares. A obra organizada por Brandão e Rosa (2011) fornece subsídios para falarmos da Educação Infantil e suas funções. Ao final de cada encontro, foram apresentadas estas três perguntas, respondidas no diário:

- 1- O que aprendi nesse encontro?
- 2- Quais dúvidas ficaram?

3- O que eu gostaria de aprender mais?

No final desse encontro, foi mostrado para as professoras o quadro abaixo em que quatro professoras selecionaram e apresentaram no segundo encontro uma atividade que já desenvolveram com seus alunos que foi ao encontro do que foi discutido nesta primeira aula. Eu e as outras três professoras apresentamos nossa atividade no terceiro encontro, visto que o tempo das rodas não possibilitou que todas apresentassem no mesmo dia. A apresentação pôde ser feita através de foto, vídeo, material concreto, explanação oral ou de outra forma que a participante julgasse adequada. Junto com a apresentação, cada uma explicou o porquê da escolha, o que foi estudado no primeiro encontro que a fez lembrar da “intervenção x” e motivou-a a compartilhar na formação.

Quadro 7 – Ordem de apresentação das professoras.

Professoras	Apresentação da atividade no segundo encontro	Apresentação da atividade no terceiro encontro
Professora Adriana	X	
Professora Bianca	X	
Professora Carolina	X	
Professora Denise	X	
Professora Élide		X
Professora Fabiana		X
Professora Geórgia		X
Professora Pesquisadora		X

Fonte: Elaborado pela autora.

Caso alguma professora não pudesse participar no dia, outra professora apresentaria, por isso todas separaram sua atividade para o segundo encontro, embora algumas apresentassem somente no terceiro.

Segundo encontro: Iniciamos o encontro com a apresentação de um vídeo da Magda Soares intitulado “Alfaletrar – Educação Infantil: alfabetização e letramento” do canal no Youtube Nova Escola⁴. Esse vídeo mostra o trabalho de professoras com crianças a partir de 3 anos no município de Lagoa Santa em Minas Gerais. Magda Soares acompanha de perto a evolução das crianças na Educação Infantil, falando da importância da reflexão sobre a consciência fonológica, da criança voltar-se para o som das palavras e ver que escrever não é desenhar, como ela aponta:

As crianças ainda não sabem ler, mas levá-las a observar a escrita das palavras destacando a primeira sílaba, como fez a professora, já as encaminha para a compreensão de que a escrita representa a fala, e que segmentos de sons iguais se escrevem com as mesmas letras, desse modo aproximando-as do fundamento do princípio alfabético: a escrita representa os sons da fala, sons que se repetem em palavras são escritos com as mesmas letras. (SOARES, 2020, p. 82).

Após a apresentação foi feita uma rodada de comentários compartilhando a opinião de cada professora sobre as atividades e as colocações feitas pela professora Magda Soares no projeto Alfaletrar. Após a conversa passamos então a palavra para as professoras Adriana, Bianca, Carolina e Denise, que mostraram a atividade escolhida, relacionando com os conceitos estudados no primeiro encontro e o vídeo assistido anteriormente. Ao final do encontro, as três perguntas foram colocadas em tela, para que as participantes pudessem registrar no diário.

Terceiro encontro: Começamos nossa formação com a minha apresentação. A atividade que escolhi foi um vídeo de uma aluna da turma da Creche I com 2 anos, cantando a cantiga junina “Cai, cai, balão” – cantigas populares. Falarei que escolhi essa atividade da minha aluna, porque ela vai ao encontro do que os autores, que embasam minhas reflexões, defendem que as cantigas populares e as parlendas prendem a atenção dos pequenos justamente pela repetição de pedaços sonoros: “Cai, cai, balÃO! Cai, cai,

⁴Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=T7M9ZThtwow>.

balÃO! Aqui na minha mÃO. NÃO cai, nÃO! Não cai, nÃO! NÃO cai, nÃO! Cai na rua do sabÃO.” Como nos diz Moraes (2020, p. 161), “muito presentes no dia a dia da Educação Infantil, elas precisam também constituir para as crianças objeto de leitura, de modo que possam refletir e brincar com as palavras e suas partes menores (sílabas, rimas).” Com essa cantiga, as explorações durante toda a Educação Infantil vão apenas se aperfeiçoando, ou seja, com o passar do tempo, as intervenções vão avançando. Logo após, seguimos com as apresentações das atividades escolhidas pelas professoras Élide, Fabiana e Geórgia aliando à teoria. Ao final do encontro, foram colocadas as perguntas em tela para que as professoras pudessem responder em seus diários.

Quarto encontro: Neste encontro fizemos o passo a passo da construção do jogo virtual das cantigas. Essa ferramenta pôde ser utilizada nos planejamentos das professoras. A dinâmica consiste na criança arrastar com seu dedo ou mouse à figura que corresponde ao que cada frase está pedindo (figura 1). O jogo consegue combinar texto, som, imagem, animação e vídeo: “[...] É, por isso, uma forma poderosa de comunicação, pois ganha e mantém a atenção e o interesse do aluno e com isto promove a retenção da informação.” (PRIETO et al., 2005, p. 6) Usar os jogos sempre será um excelente recurso. Ainda mais no momento de ensino remoto que vivíamos: os professores precisaram pensar em atividades lúdicas que concentrassem a atenção do aluno que estava em casa e realizaria as atividades sozinho ou com a ajuda da família.

Figura 3 – Jogo das cantigas



Fonte: Wordwall.

Após a confecção do jogo, trouxe o campo de experiência **escuta, fala, pensamento e imaginação**⁵ da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que este recurso contempla. Apresentei o código alfanumérico com o objetivo de aprendizagem e desenvolvimento (EI02EF02) que consiste em identificar e criar diferentes sons e reconhecer rimas e aliterações em cantigas de roda e textos poéticos, a fim de mostrar que é possível conciliar a teoria à prática.

Quinto encontro: Nesta oportunidade fizemos o encerramento dos nossos encontros com uma conversa enriquecedora. Neste dia cada professora abriu seu diário e contou o que fez mais sentido, o que mais gostou ao longo das formações, assim como as dúvidas e os anseios. Foi um momento de compartilhar também o que elas gostariam de aprofundar em seus estudos. Por fim, não poderíamos deixar de falar dos conceitos abordados, da indissociabilidade do letramento e da alfabetização e, sendo todas as contribuições/opiniões/dicas muito bem-vindas. Falamos da proposta de Magda Soares (2020, p. 285 e 286, grifo da autora) que propõe simultaneamente “[...] aprendizagens do sistema alfabético de escrita e de seus usos para a leitura e a produção de textos: alfabetizar e letrar em sincronia: **Alfaletrar.**”

Após o término dos encontros, a pesquisadora coletou os diários e pode ter acesso com maiores detalhes ao que cada professora escreveu. Algumas optaram por não escrever. A análise dos encontros do projeto de intervenção foi de suma importância, pois através disso consegui saber se atingi ou não os objetivos de minha pesquisa. Para tal, usei a Análise Textual Discursiva tanto nas etapas de unitarização, categorização e construção dos metadados dos diários quanto na análise das gravações das formações.

⁵ A BNCC se organiza em Campos de Experiências para a Educação Infantil, são eles: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos quantidades, relações e transformações;

6 ANÁLISE DAS RODAS DE FORMAÇÃO

Neste capítulo serão apresentadas as análises dos encontros realizados com as professoras em reunião on-line. Tudo o que foi gerado durante esses encontros e também os diários entregues posteriormente serão analisados e descritos com total atenção, para que os detalhes sejam preservados

As professoras deixaram clara a satisfação pessoal de cada uma em atuar na Educação Infantil e agradeceram a oportunidade de aprendizado proporcionado por momentos de formação como este que realizamos. Cabe ressaltar que nem todas as participantes se fizeram presentes em todos os encontros, algumas justificaram as faltas ou entraram na reunião mais tarde e saíram antes.

Em nosso primeiro encontro (18/11/2021) apenas uma participante precisou faltar. Realizamos uma nuvem de palavras no Mentimeter⁶ com a intenção das professoras responderem anonimamente o que era alfabetização e letramento em seus pontos de vista, de uma maneira informal, visto que poderiam usar menos palavras e o tempo para elaboração também foi reduzido. Abaixo apresento na figura 3 as respostas capturadas no aplicativo a respeito do letramento.

Figura 4 – Conceito de letramento



Fonte: Mentimeter

⁶Mentimeter é uma plataforma colaborativa online que permite criar apresentações interativas em tempo real das pessoas que estão assistindo através de quizzes, enquetes, perguntas e respostas.

Observando as palavras que as professoras enviaram instantaneamente na nuvem é possível dividi-las em dois segmentos, o primeiro são as palavras que apresentam relação com o conceito de letramento: **prática social, habilidade e ler socialmente**.

O segundo segmento é o das palavras que se relacionam com os métodos de alfabetização: **visualização e decifrar códigos**. A primeira vem da visualização das letras, através do método alfabético. Os códigos são abordados nos métodos alfabético e fônico.

Uma primeira observação possível é a de que tivemos respostas diferentes daquelas ditas anteriormente nos questionários. Após um comentário inicial, foi aberto para as professoras falarem a respeito do que colocaram. A professora Carolina falou não só sobre as palavras, mas também a respeito da dúvida que existia entre as docentes da Educação Infantil, se deveriam alfabetizar ou não na pré-escola e de como deveriam trabalhar: se as crianças precisavam saber o alfabeto, as vogais, os números sem errar, sem ter dúvidas, antes mesmo de chegar no Ensino Fundamental. Esse momento do encontro foi enriquecedor e provocou nas demais colegas reflexões.

Esses e tantos outros motivos fazem com que os professores “confudam” os conceitos e não saibam diferenciar letramento e alfabetização. Por tudo até aqui já apresentado é que apoiamos a integração desses conceitos, conforme propõe Magda Soares.

Em síntese, o que se propõe é, em primeiro lugar, a necessidade de reconhecimento da especificidade da alfabetização, entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema de escrita, alfabético e ortográfico; em segundo lugar, e como decorrência, a importância de que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento – entendido este, no que se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e escrita, e o consequente desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes positivas em relação a essas práticas [...] (SOARES, 2004, p. 16)

Assim, as aprendizagens que faltam para que eles sejam capazes de ler e escrever os textos podem sim ser duas peças do quebra-cabeça que se encaixam perfeitamente. A integração desses dois processos se dá através dos textos: em todos os planejamentos a escolha dos textos sempre é a primeira iniciativa e a partir dele o professor saberá qual a melhor forma de despertar o interesse das crianças.

Seguindo os comentários, a professora Adriana lembrou dos efeitos causados pela pandemia da Covid-19 em todo o processo de desenvolvimento dos alunos, o fato de não estarem presentes dificultou o trabalho pedagógico, a socialização e os professores não puderam acompanhar a evolução dessas crianças, apenas enviar atividades que não sabem ao certo quem fez e como fez. Esse momento foi importante, porque todas concordaram nesse ponto de que as etapas da rotina diária são primordiais para que as crianças avancem. O simples fato de os alunos pegarem um livro virado para realizar a leitura já mostra o quanto a construção do comportamento leitor se dá em sala de aula, nas rodas de leitura. Mesmo com esforço para adaptação de atividades que os alunos pudessem realizar em casa, ficou essa lacuna: não se trata apenas de preencher atividades, o que constitui o alfabetizar e o letrar vai muito além disso. O incentivo, o acompanhamento, as intervenções que trazem um olhar reflexivo para o que está sendo desenvolvido são feitos pelo educador. São as ações cotidianas da sala de aula que fazem o planejamento se tornar uma prática pedagógica com propósito. “[...] não se trata propriamente de ensinar, mas de exercer a mediação da aprendizagem, atuar na zona de desenvolvimento proximal, acompanhando as capacidades disponíveis em cada momento do desenvolvimento da criança”. (SOARES, 2020, p. 119) Observar os nossos sujeitos de aprendizagem e a evolução diária que apresentam permite que o foco dos objetivos de aprendizagem possa ir mudando de acordo com as necessidades que surgem. Posteriormente, na figura 4 temos as respostas das professoras na nuvem de palavras a respeito da alfabetização, através das quais podemos analisar mais alguns aspectos.

Figura 5 – Conceito de Alfabetização



Fonte: Mentimeter

Nesse momento algo recorrente na discussão foi o processo, algumas professoras atuam nas duas etapas e trouxeram seus relatos vividos diariamente no Ensino Fundamental. Novamente, foi impossível não comentar o quanto a pandemia interferiu na aprendizagem dessas crianças, que em muitos casos viveram todo o processo de alfabetização com aulas remotas e retornam agora no 3º ou 4º ano com muitas dificuldades. Aqui o desenvolvimento resultante dos “estímulos recebidos na interação da criança com seu grupo social e seu contexto cultural – processo que vem de fora para dentro [...]” (SOARES, 2020, p. 52) foi prejudicado pelo isolamento social e fez com que uma parte da aprendizagem ficasse incompleta. No geral, deixando de lado essa situação atípica de distanciamento social, a palavra processo foi emergente, porque as educadoras refletiram a partir de quando era possível definir que a alfabetização havia iniciado. É difícil mensurar em qual tempo e espaço isso começa porque é processual. O letramento se encontra em uma estrada que teve início a partir do contato do bebê com a família e a sociedade e chegou até o Ensino Fundamental, momento em que não podemos dizer que o letramento se encerra e a alfabetização começa. Alfabetização e letramento se mesclam, se unem para continuarem o caminho juntos, distintos mas interdependentes,

[...] a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na

dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita.
(SOARES, 2004, p.97)

Seguindo nossa conversa, as professoras Georgia e Adriana retomaram o fato da insegurança por parte dos pais no início do processo de alfabetização, muitos pais afirmam que em suas infâncias já chegaram ao primeiro ano lendo e escrevendo, outros buscam até mesmo escolas privadas que “entreguem” as crianças alfabetizadas aos 5 anos. Diante desses comentários, as professoras agradeceram os momentos que estavam vivendo de debate e construção de saberes, porque só assim podem dialogar com esses responsáveis e explicar como acontece esse processo desde a Educação Infantil até os Anos Iniciais. Normalmente, em uma turma com 20, 28 alunos de 1º ano é a pluralidade que se faz presente. Algumas crianças vêm da Educação Infantil com normas escolares de conduta e aprendizagens construídas, outras estavam apenas matriculadas ou chegando pela primeira vez em um ambiente escolar para darem início ao processo de alfabetização juntos. Assim, os educadores precisam fazer planejamentos personalizados para cada nível e ao mesmo tempo percebem que “as teorias educacionais e os métodos de alfabetização, ensinados nos cursos normais e nas faculdades de educação, nem sempre respondem – nem se propõem a responder – às questões cruciais da prática. (CARVALHO, 2015, p. 17)

A professora Denise fala da ruptura entre a Educação Infantil e os Anos Iniciais. Segundo ela, toda a ludicidade se perde no primeiro ano, as crianças passam a vivenciar não apenas a trajetória da alfabetização, mas também as novas regras da escola: sentar um atrás do outro, organizar cadernos, copiar em linhas e ordens corretas, sem hora do brinquedo, sem massinha de modelar, sem jogos, etc. Não quer dizer que isso seja uma verdade absoluta, sabemos que muitos professores fazem atividades que envolvem esses momentos, porém é inegável que muitos prezam pelas atividades em folha, livro ou caderno. O diálogo entre Educação Infantil e Ensino Fundamental quando planejado pelos professores faz com que essa transição seja menos tensa. As novidades inquietam os estudantes, mas não podem ser uma preocupação que cause medo, ansiedade ou tristeza nas crianças.

A transição entre essas duas etapas da Educação Básica requer muita atenção, para que haja equilíbrio entre as mudanças introduzidas, garantindo integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças, respeitando suas singularidades e as diferentes relações que elas estabelecem com os conhecimentos, assim como a natureza das mediações de cada etapa. Torna-se necessário estabelecer estratégias de acolhimento e adaptação tanto para as crianças quanto para os docentes, de modo que a nova etapa se construa com base no que a criança sabe e é capaz de fazer, em uma perspectiva de continuidade de seu percurso educativo. (BNCC, 2017, p. 53)

Essa continuidade pode se dar de diversas formas, desde a leitura de relatórios e pareceres que os profissionais da Educação Infantil podem enviar para os do Ensino Fundamental até o contato mais direto como a conversa entre os professores destas etapas da Educação Básica. Pequenas iniciativas podem facilitar a inserção das crianças nesse novo ciclo, evitar intervenções inadequadas e proporcionar realmente uma continuidade no trabalho pedagógico. O professor que passa por experiências como essa com parceria se abre para construir um panorama do que a criança já consegue fazer e o que precisa aprender, cumpre um direito de aprendizagem efetivamente.

Em nosso segundo encontro (25/11/2022), iniciamos apresentando o vídeo Alfalettrar que mostra as práticas de letramento em diferentes níveis da Educação Infantil. No vídeo, as professoras utilizam diversos recursos como poemas, cantigas, escrita de histórias sendo o professor o escriba, a contação de histórias adequadas para a faixa etária das crianças, a fim de estimular a oralidade, o desenvolvimento, a imaginação dos pequenos. Foram gravadas várias atividades com crianças de 3 à 5 anos e, entre as intervenções, a autora Magda Soares comenta as atividades que estão sendo desenvolvidas, trazendo sempre a teoria relacionada com a prática. Entre as intervenções, a autora Magda Soares traz a teoria para contextualizar o porquê é importante realizar tais atividades com os pequenos. Após o vídeo, a primeira fala das professoras foi relacionada a faixa etária e o que estavam aprendendo. Todas que expuseram suas opiniões falaram que era cedo para tais exercícios. No próprio vídeo, Magda Soares afirma que nas sociedades em que vivemos a escrita está muito presente, literalmente, desde que nascem. Já que a criança está mergulhada nesse universo, cabe à Educação Infantil e depois aos anos iniciais orientar esse processo que é contínuo. É claro que o ritmo varia para

cada criança, mas o que não pode acontecer é impedir que elas avancem, porque não estaria na “hora” de aprender algo que eles já presenciam diariamente. Em áreas como corpo, gestos, movimentos, traços, sons, cores e formas as crianças entram com noções e os professores dão continuidade ao trabalho, observam o que já sabem e como podem avançar. É fundamental que não se coloque uma trava, deixando a continuação dos processos de alfabetização somente para o Ensino Fundamental enquanto todas as demais habilidades foram exploradas.

[...] esse é o conceito fundamental para que não se diga assim, até o fim da Educação Infantil só se pode fazer isso, deve-se fazer isso, quando entrar no Ensino Fundamental aí vai se fazer outra coisa, não. Vai se dar continuidade ao processo.(NOVA ESCOLA, 2017).

O que deve ser pensado e levado em consideração na Educação Infantil é que o docente quando está na sala de aula desenvolvendo qualquer atividade, mesmo que seja um jogo com objetivos voltados para motricidade, as letras não deixam de estar presentes. Desde o título do jogo até o manual de instruções com o passo a passo de como deve ser jogado e lido e explorado dentro do planejamento, então não é possível isolar as crianças do mundo letrado ao seu redor. O educador deve aproveitar todos os momentos para explorar a capacidade de desenvolvimento de seus alunos, por isso estabelecemos metas e objetivos que, quando atingidos, são ampliados. Voltando ao exemplo da realização de um jogo, quando falamos o nome passando o dedo sobre onde está escrito, os alunos observam os sinais mesmo que o professor não fique mostrando cada letra e falando seu nome. O mesmo pode acontecer quando procuram seu nome para colocar a mochila ou a cadeira para sentar, é comum observarem o nome dos colegas, identificarem letras iguais falando algo parecido com “Olha professora, a mesma letra do meu nome tem no nome dela[...]”.Esses são apenas alguns exemplos que fazem com que as crianças observem e vão descobrindo as palavras, que é com letras que se escreve, que as letras possuem sons, etc.

Em geral, na Educação Infantil se tem feito essa separação, a criança pode se desenvolver no Letramento, deve-se desenvolver no Letramento mas não deve continuar seu desenvolvimento na conceitualização da escrita, nos conceitos que ela vai formando sobre

a língua escrita. O que aquilo significa, o que são as letras, por que as letras estão tendo sons e porque que as pessoas veem risquinhos e transformam aquilo em palavras. Não é preciso esperar os seis anos, os sete anos e cortar o desenvolvimento da criança, eu acho que é um pouco injusto para a criança você impedir que ela continue num processo que já começou. (NOVA ESCOLA, 2017)⁷

As discussões que se seguiram continuaram em torno das idades das crianças e quais atividades seriam “adequadas” para determinados níveis. As professoras disseram que seus trabalhos com o alfabeto se dão a partir dos nomes das crianças, mas que não gostam de trabalhar as letras do alfabeto uma por uma. Nesse momento houve grande interação entre as professoras, elas compartilharam suas práticas e fizeram perguntas entre si, inclusive pelo fato de algumas terem mais tempo de experiência e outras terem começado recentemente sua trajetória profissional.

A professora Adriana compartilhou dois livros que pegou na escola para estudo e ao mesmo tempo mostrou sua dúvida se deveria ou não usar, mesmo sendo para a faixa etária de seus alunos, pelo fato de ter atividades isoladas com cada letra do alfabeto. Esse momento gerou uma grande satisfação entre as docentes que perceberam a ligação de pensamentos entre todas, embora cada uma apresentasse seus anseios com problemáticas específicas. Todas buscam estabelecer metodologias que contemplem as habilidades previstas na BNCC e demais documentos orientadores, sempre observando atentamente a evolução dos alunos, o que cada turma específica já compreende e no que eles podem avançar.

[...] não há um método para a aprendizagem inicial da língua escrita, há múltiplos métodos, pois a natureza de cada faceta determina certos procedimentos de ensino, além de as características de cada grupo de crianças, e até de cada criança, exigir formas diferenciadas de ação pedagógica. (SOARES, 2004, p. 15-16)

Outra observação que cabe destacar foi a tranquilidade das professoras e o quanto elas se sentiram à vontade para realmente falar do que faziam em sala de aula com seus alunos, em alguns momentos essas falas vinham acompanhadas de “Bom gurias... eu não sei se estou certa, mas queria pedir a opinião de vocês sobre [...]” como disse a professora Adriana. A

⁷ Entrevista com a Professora Doutora Magda Soares.

cada encontro as participantes sentiam-se mais envolvidas em suas práticas com as crianças, conseguiam trocar ideias, compreendiam mais sobre a indissociabilidade entre os dois temas em pauta, alfabetização e letramento.

As participantes destacaram ainda o quanto é gratificante trabalhar com crianças pequenas e ter um planejamento que contemple conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, como nos indica a Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil.

Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola. (BRASIL, 2017, p. 38)

Continuando as apresentações em nosso terceiro encontro (02/12/2022) as professoras apresentaram mais alguns planejamentos que relacionaram às nossas discussões anteriores. A professora Denise falou sobre os cartazes colocados em sala de aula e a importância da exploração dos mesmos todos os dias durante a rotina. Ressaltou também a confecção de cartazes relacionados aos diferentes temas trabalhados em sala. Segundo ela, a relação feita pelos alunos entre o falado e a transposição para os cartazes seja observando a professora escrevendo, seja fazendo colagens ou em escrita espontânea contribuem significativamente com o processo de letramento. Em um sorteio de ajudante do dia as crianças já conseguem reconhecer aqueles símbolos que estão sendo mostrados como o nome delas. Mesmo sem refletir fonologicamente sobre o sistema de escrita, estão tendo contato com as letras e compreendendo que o nome que todos pronunciam pode ser passado para o papel em forma daqueles rabiscos chamados de letras.

O ambiente na educação infantil deve estimular na criança o desejo de querer aprender a ler e a escrever. A sala deve ser bem colorida, provida de materiais diversos como: alfabeto fixado nas paredes, cartazes, livros, revistas, exposição dos trabalhos das crianças etc. Tal ambiente deve ser preparado com atividades permanentes, construção de projetos com assuntos variados do interesse das crianças e uma sequência de atividades pensada de maneira que supra os diferentes níveis de dificuldade. (COELHO, 2010, p. 84).

A forma como a sala de aula é planejada também interfere na aprendizagem das crianças, cada cartaz colocado adiciona ao ambiente várias possibilidades de exploração. Vale ressaltar que os cartazes devem ser trabalhados diariamente com os alunos, não podem ser vistos em momentos esporádicos. Por isso a rotina em sala é importante, a forma como cada cartaz é mostrado pode e deve variar. O planejamento diário também deve contemplar as atividades permanentes, assim a atenção e o interesse das crianças no que está sendo apresentado, se mantém. A autora Magda Soares fala da riqueza desses materiais:

Escrita espontânea, observação da escrita do adulto, familiarização com as letras do alfabeto, contato visual frequente com a escrita de palavras conhecidas, sempre em um ambiente no qual estejam rodeadas de escrita com diferentes funções como: calendário, lista de chamada, rotina do dia, rótulos de caixas de material didático, etc. (SOARES, 2009, p.1)

Continuando nosso encontro, a professora Bianca relatou um dia de seu planejamento em que fez uma receita típica de festa junina. A tarefa foi realizada em casa com a família, a mãe anotou a receita de um bolo de milho e, ao mesmo tempo em que colocava os ingredientes, mostrava para a criança onde estava escrito tal item. Outra atividade destacada pela professora foi o leitor do dia em que cada criança fazia a hora do conto, a partir das imagens, faziam a leitura ao seu modo. Obviamente que no início todos os alunos disseram que não sabiam “ler”, esperando que deveriam ler convencionalmente como a professora. Depois de compreenderem que poderiam ler as imagens e falar ao seu modo o que entendiam, todos se sentiram à vontade e animados para darem a sua versão das histórias.

É possível ainda estimular as crianças a fazer “leituras” diversas, tentando antecipar o que está escrito em notícias, anúncios, embalagens, convites, legendas e outros textos ou propor às crianças a “leitura” de livros de literatura já conhecidos e de textos memorizados como parlendas, poemas e canções. (BRANDÃO E LEAL, 2011, p. 26)

Na semana do trânsito a professora montou um circuito com ruas, placas e sinalizações para as crianças andarem com carrinhos. Após essa exploração, as crianças foram “dirigir” em um passeio no entorno da escola

com seus carros de caixa de papelão e conseguiram observar que tudo que haviam conversado poderia acontecer no trânsito.

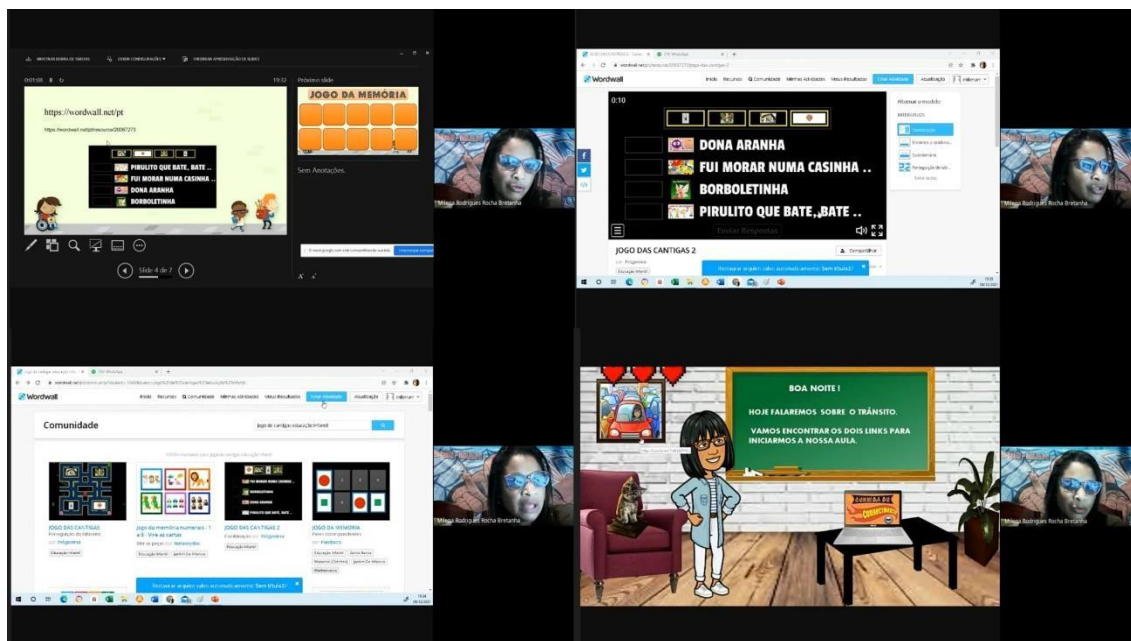
As professoras trocaram experiências falando o que já fizeram em cada nível de idade, desde a creche até a pré-escola. Foi interessante observar a expressão de satisfação das professoras ao perceberem que as conquistas e as frustrações diárias que elas passaram também aconteciam com as demais.

Em nosso quarto encontro, feito no dia 09/12/2021, começamos com a apresentação de um vídeo gravado pela professora Élide em um momento prático de realização de uma receita de massinha de modelar. Primeiramente a professora levou em um cartaz os ingredientes escritos, logo após foi lendo cada item, pegando o ingrediente nas mãos e mostrando para as crianças. Depois da leitura, foram para o modo de preparo, novamente retomando os ingredientes, cada criança foi adicionando na tigela a quantidade necessária de cada produto. O interesse das crianças em participar foi perceptível, eles foram convidados para amassar, dividir e colocarem corantes nas massinhas. Uma atividade como essa trabalha o letramento de maneira interessante: as crianças fizeram uso de um gênero textual (receita) e colocaram em prática quando fizeram a massinha, perceberam a função daquele texto que a professora fez a leitura. Magda Soares cita vários exemplos como esse, reiterando sempre que o contato das crianças com a escrita deve ter um objetivo claro. O letramento, dentre as suas muitas facetas é a “[...] imersão das crianças na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito [...]” (SOARES, 2004, p. 15)

Encerrando esse primeiro momento do nosso encontro, passamos para atividade do tutorial de criação de um jogo on-line utilizado por mim, durante a pandemia. Essa estratégia foi adotada para que as crianças se sentissem motivadas a estudar em casa através dos jogos, mas também pode ser incorporada no ensino presencial, visto que cada vez mais os pequenos fazem uso de celulares, videogames, entre outros eletrônicos. Segundo Burke (2014, p. 19), “A gamificação oferece uma forma de motivação em que o contato pessoal é substituído por um modelo de envolvimento digital”. Foi

mostrado para as professoras desde o site até o uso da plataforma e como fazer o seu próprio jogo do seu jeito. Todas adoraram os jogos e disseram não conhecer, nem os jogos prontos nem a possibilidade de elaborar um. Foram mais de vinte opções de jogos e atividades interativas apresentadas. Ao final do encontro foi enviado no grupo do WhatsApp para que elas também pudessem utilizar, editar e enviar para suas crianças. Essa estratégia pode ser aliada a outras metodologias de ensino, motivando os estudantes a realizarem as atividades de forma engajada e divertida. Na sala de referência podemos trabalhar várias outras opções de jogos, o virtual é uma delas e não deveria ser excluído, considerando que agora as salas de aula das escolas municipais contam com lousas digitais.

Figura 6 – Jogos interativos



Fonte: Google

Nosso quinto e último encontro realizou-se no dia 16/12/2021, continuamos com as apresentações de alguma atividade que as professoras gostariam de compartilhar. A professora Fabiana iniciou falando dos seus planejamentos ensino remoto, mostrando atividades que realizou referente às vogais. Em cada aula as crianças viram figuras que começavam com a, e, i, o, u, buscaram dentre outras imagens apenas as que iniciavam com cada vogal estudada e ao final de cada aula as crianças confeccionaram algum recurso que também tinha em sua letra inicial uma vogal: com a fizeram a Dona

Aranha em sua teia, com e um dedochê de elefante, com i um dedochê de índio, com a vogal o montaram um óculos e com u levaram um urso feito com balão. Após a apresentação, as professoras conversaram sobre as demais habilidades envolvidas nessa semana com as crianças, desde a motricidade com a busca e o recorte das vogais em revistas, o enrolar da teia da aranha no rolinho de papel higiênico até a reflexão fonológica sobre as palavras que iniciavam com essas letras.

Afinal para aprender os nomes das letras e não confundir os seus nomes, por exemplo, é preciso notar pequenas diferenças entre elas, e para escrever também é preciso controlar a pressão do traço no papel, ou o tamanho desse traçado. (BRANDÃO E LEAL, 2011, p. 29)

A expressão facial de satisfação da professora enquanto relatava sua experiência merece destaque, fez com que todos que a escutavam se sentissem parte dos momentos narrados.

Encerrando a primeira etapa, passamos para o embasamento teórico do que fazer nas escolas de Educação Infantil através da autora Magda Soares: alfabetizar ou letrar? Quem sabe alfabetizar letrando? Esse assunto ampliou-se porque cada professora falou de suas angústias, de como se sentem desvalorizadas por ainda perceberem que as famílias encaram as EMEIS como um lugar de cuidar e alimentar as crianças enquanto os pais trabalham e fazem outras atividades. Dando continuidade e retomando a indissociabilidade entre alfabetização e letramento uma fala da professora Adriana fez com que toda essa longa trajetória tivesse valido a pena:

Sabe o que eu achei interessante [...] que reler uma coisa que a gente escreveu lá atrás, que já tem uns meses, e agora tu ver o que tu tinha escrito e tu pode ou ter mudado de ideia, ou reafirmar aquilo que tu já pensava depois de um belo estudo. Foi muito legal agora [...] eu relendo o que eu escrevi e poder ver que eu tenho aprendido bastante coisa sabe porque na nossa primeira formação eu me senti bem perdida assim, no início, quando falavam em alfabetização e letramento e agora eu já consigo dominar um pouco mais o assunto.

Essa autoanálise feita pela docente ao lembrar o que tinha escrito no questionário e de suas dúvidas no começo dos nossos encontros e sua percepção de como mudou seus pensamentos entre o início e o fim é a resposta para todo trabalho realizado até aqui. Buscou-se justamente analisar essa compreensão que as professoras tinham de alfabetização e letramento, subsidiar uma teoria embasada com a prática e buscar avanços em seus conhecimentos. Como afirma NÓVOA (1991, p.23):

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência.

Finalizando nosso último encontro, ao escutar os comentários de cada professora participante foi notória como a expressão de cada uma estava mais solta, fluída, sentiram-se à vontade para conversar entre nossa teoria aliando para suas práticas. Conseguimos analisar o que os autores trouxeram associando com o cotidiano de nossas escolas de nosso município. Sem dúvidas foram encontros que enriqueceram tanto as participantes quanto a mim enquanto pesquisadora.

7 ANÁLISE DOS DIÁRIOS DAS PROFESSORAS

Ao final dos nossos encontros, as professoras pediram um tempo para terminarem suas escritas nos diários, visto que estava chegando o período das festividades de fim de ano. Combinamos que poderiam fazer a devolução dos diários até o dia 20 de janeiro de 2022, data que foi enviado em nosso grupo de WhatsApp uma mensagem lembrando a entrega das escritas. Duas professoras enviaram mensagens com fotos do que haviam escrito nos cadernos, as demais docentes não retornaram após vários contatos. Sendo assim, as análises apresentadas aqui serão dos diários enviados pelas professoras Adriana e Élide.

As escritas foram distintas, a professora Adriana escreveu um pouco a cada encontro, os aspectos que julgou mais importantes em cada dia. Já a professora Élide escreveu um texto único ao final de nossa formação, fazendo uma análise conjunta de tudo que vivenciou em nossas reuniões. Adriana registrou que:

Alfabetização e letramento são indissociáveis, alfabetização é o processo de aprendizagem no qual o indivíduo desenvolve a competência de ler e escrever, e o letramento ocupa a função social dessa leitura e escrita.

Esses conceitos foram trabalhados ao longo de nossas formações e ler o registro escrito pela professora traz a gratificação de saber que tudo que foi realizado ajudou na compreensão desses conceitos que são a base do ensino. “Neste sentido, a formação deve permitir a cada um construir a sua posição como profissional, aprender a sentir como professor.” (NÓVOA, 2017, p. 1123), saber que os planejamentos e seus objetivos vêm de uma base teórica e, principalmente, poder falar com propriedade dessa teoria. Continuando com as escritas, a professora Élide disse em seu texto:

Ao trocar as ideias percebemos que estávamos trilhando um mesmo caminho, porém cada uma com suas particularidades, anseios e inseguranças, as quais, tivemos a oportunidade de compartilhar entre si, e assim, sentirmo-nos mais seguros em relação ao caminho que estávamos trilhando.

Nóvoa (2017) afirmou que não existem dois professores iguais, cada um vai descobrindo a sua prática nesse processo de formação docente. É no ritmo em sala de aula, nas relações com todos da escola que os docentes são forjados. “O que me interessa é o sentido de uma reflexão profissional própria, feita da análise sistemática do trabalho, realizada em colaboração com os colegas da escola.” (NÓVOA, 2017, p. 1128) Nesse sentido as formações realizadas com esse grupo de professoras foram produtivas, mesmo estando atuando em escolas diferentes, com realidades distintas, por ser uma cidade pequena, a relação pedagógica é próxima, nossas conversas foram fluídas e os relatos das professoras diante dos projetos realizados ao longo do ano fez com que as mesmas percebessem como cada uma planejou atividades que foram comuns a todas.

Os encontros foram muito enriquecedores, pois além desta troca de experiências, acima citadas, foi oportunizado pela apresentadora outros recursos tecnológicos interessantíssimos para servirem de auxílio no planejamento do educador, especialmente na educação infantil tornando suas aulas mais inovadoras e atrativas a este público que já nasceu na era digital.

Nesse encontro citado pela professora, todas acharam os jogos uma excelente possibilidade para complementarem seus planejamentos. Além disso, foi perceptível que todas não conheciam as plataformas ou jamais haviam criado um jogo pedagógico digital do zero. Quando criamos os jogos em programas simples e de fácil manuseio a complexidade que permeava esse tema se desfez. As professoras perceberam como era simples e de fácil acesso. Como afirma Schwartz (2014, p. 74), “os professores precisam se reconhecer incompletos, perceber que mesmo com muitos anos de prática não sabem tudo e nunca vão saber. Ainda bem que é assim, que sempre podemos aprender mais e melhor”. Ao longo de nossa trajetória formativa todas aprendemos, sem dúvidas reconhecer que sempre é possível aprender algo novo é o primeiro passo para a qualificação docente. Além de buscar qualificações é preciso analisar as necessidades emergentes, a cada ano

surgem novas ideias, ferramentas, pesquisas que podem ser grandes fontes de conhecimento. Além de complementar a base teórica e as linhas de pesquisa, olhar para a atualidade, para o novo, é primordial. É o caso dos recursos digitais, do uso da internet na educação, que durante a pandemia foi a forma que muitos professores encontraram para ensinar on-line. Ultrapassar as barreiras do desconhecido e se abrir para essas novas possibilidades é cada vez mais necessário neste século.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Relatório é o resultado de uma pesquisa do tipo pesquisa-ação, com intervenção, desenvolvida a partir da realização de formações online com professoras de sete Escolas Municipais de Educação Infantil de Jaguarão/RS. Durante as reuniões aconteceram estudos e reflexões das professoras acerca de suas concepções sobre alfabetização e letramento, onde as mesmas consideram que alfabetização é a aprendizagem de códigos, letras, aprendizagem da leitura, junção das sílabas e letramento é muito mais amplo, é a leitura do mundo. Compartilhamos práticas pedagógicas desenvolvidas por cada docente participante da pesquisa em nossos encontros. As professoras expressaram suas opiniões e dúvidas sobre os conceitos trabalhados e aperfeiçoaram seus conhecimentos nos jogos digitais como recurso pedagógico. Nossos encontros foram ricos e espontâneos, aprofundamos temas abordados de acordo com os assuntos emergentes do grupo. O questionário prévio, as narrativas dos encontros e os diários reflexivos constituíram o material para a análise da pesquisa. Percebi que a escrita de textos pelas professoras ainda é restrita, especialmente naquelas situações que previam a reflexão sobre suas aprendizagens, tanto no questionário quanto nos diários. As manifestações ocorreram mais pela oralidade, pelo o que foi apresentado por elas de planejamentos realizados ao longo do ano. A presença das professoras nos encontros foi satisfatória, tivemos algumas faltas devido a compromissos pessoais, mas o andamento dos trabalhos prosseguiu com sucesso.

Além da formação continuada, o questionário prévio respondido no Google Forms foi de grande ajuda para o planejamento dos encontros, nele foi possível identificar os pontos principais a serem abordados. Considerando a relevância de formações que nasçam da necessidade pedagógica dos professores é aconselhável que projetos parecidos sejam desenvolvidos, oportunizando às professoras um ambiente para apresentação das suas práticas. Que facilite a compreensão e os questionamentos dos educadores.

Formações assim, planejadas a partir da análise de suas práticas, dúvidas e experiências reafirmam a importância da formação coletiva com propósito.

Analisando a minha intervenção, enquanto pesquisa, avalio que a temática escolhida foi efetiva e rendeu excelentes reflexões para as participantes, assim como o compartilhamento das práticas caminhando lado a lado com a teoria de maneira simples, fazendo com que as professoras se sentissem à vontade para questionar até mesmo suas compreensões teóricas sem o medo do erro, de serem julgadas. Com relação aos diários, penso que poderia ter planejado de maneira diferente, possivelmente utilizando um questionário rápido respondido de maneira on-line ao final de cada encontro. Assim teria obtido mais respostas, visto que nossas reuniões ocorreram no final do ano e todas estavam concluindo várias demandas profissionais e pessoais: parar para escrever após nossas reuniões se tornou cansativo ou inviável. A alternativa de um tempo para as escritas também não foi a melhor opção, porque vieram as férias e parar para refletir teoricamente ou até mesmo lembrar de momentos específicos de cada encontro foi difícil.

Por fim, cabe ressaltar que esse estudo não acaba aqui, a proposta de formações parecidas com minhas colegas nos próximos anos seria uma ideia a ser proposta. Conversamos ao final dos encontros de como seria importante às escolas planejarem momentos reflexivos como este. Será sugerido para as coordenadoras escolares que articulem propostas nesse sentido. Não é possível mencionar todas as aprendizagens que saem do mestrado profissional, de tudo que foi compartilhado pelos meus professores e colegas além da minha pesquisa. O sentimento de gratidão é imenso e espero levar sempre as contribuições do Programa de Pós-Graduação em Educação durante minha trajetória profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Eliana B. C; LEITE, Tânia Maria R. Explorando as letras na Educação Infantil. In: BRANDÃO, Ana Carolina P.; ROSA, Ester Calland de S (Orgs.) **Ler e escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.93-115, 2011.

ANDRÉ, Marli. **Práticas inovadoras na formação de professores**. São Paulo: Papirus, 2016.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto Editora. LDA-1994. Porto Codex-Portugal.

BURKE, BRIAN. **Gamificar: como a gamificação motiva as pessoas a fazerem coisas extraordinárias**. São Paulo: DVS Editora, 2015.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; LEAL, Telma Ferraz. Alfabetizar e letrar na Educação Infantil: o que isso significa? In: BRANDÃO, Ana Carolina P.; ROSA, Ester Calland de S (Orgs.) **Ler e escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 13-31, 2011.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa Rosa. Entrando na roda: as histórias na Educação Infantil. In: BRANDÃO, Ana Carolina P.; ROSA, Ester Calland de S (Orgs.) **Ler e escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 33-51, 2011.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; CARVALHO, Maria Jaqueline Paes de. As fichas de atividades de linguagem escrita na Educação Infantil. In: BRANDÃO, Ana Carolina P.; ROSA, Ester Calland de S (Orgs.) **Ler e escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 139-163, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educacional**. Lei 9394/96.

BURKE, Brian. **Gamify**: howgamificationmotivatespeopleto do extraordinarythings. Bibliomotion. Brookline, 2014.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pol_inf_eduinf.pdf>. Acesso em: 15 de jun. 2021.

_____. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 08 de set. 2021.

CAMPOS, Maria M. **Educar e Cuidar: questões sobre o perfil do profissional de educação infantil**. In: MEC/SEF/DPE/COEDI. Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil. Brasília, 1994, p. 32-42.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 12. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

COELHO, Silmara. **O processo de letramento na educação infantil**. Pedagogia em ação, v. 2, n. 2, p. 1-117, nov. 2010.

CORSINO, Patrícia, et al. Leitura e escrita na Educação Infantil: concepções e implicações pedagógicas. In: **Crianças como leitoras e autoras**. 1.ed.- Brasília: MEC /SEB, p. 13-57, 2016.

FARIAS, Ana Lucia Goulart; VITA, Anastasia (Org). **Ler com bebês: contribuições de Susanna Mantovani**. Campinas SP. Autores associados, 2014.

KAERCHER, Gládis E. P. da Silva. Literatura Infantil: Educação Infantil: um grande encontro. In: **Caderno de formação: didática dos conteúdos formação de professores**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 135-142.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas** – 6ª impressão. EPU, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed., São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, v.9, n.2, p.191-211, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SJKF5m97DHykhL5pM5tXzdi/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 4 ago. 2021.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência e Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/wvLhSxkz3JRgv3mcXHBWSXB/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 18 out. 2021.

MORAIS, Artur Gomes de; SILVA, Aleksandro da. Consciência fonológica na Educação Infantil: desenvolvimento de habilidades metalinguísticas e aprendizado da escrita alfabética. In: BRANDÃO, Ana Carolina P.; ROSA, Ester Calland de S (Orgs.) **Ler e escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 74-91.

MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MORAIS, Artur Gomes de. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

NEUMANN, Carolina Pinheiro; PEREIRA, Rachel Freitas. Linguagem oral e escrita na Educação Infantil: as compreensões das Formadoras Locais do PNAIC/UNIPAMPA. In: MOURA, Patrícia dos Santos; PEREIRA, Rachel Freitas; AURICH, Grace da Ré. **PNAIC UNIPAMPA 2017-2018: trajetórias da formação continuada pelo olhar docente-formador**. São Leopoldo: Oikos, 2020, p 81-96.

NOVA ESCOLA. Alfaetrar – educação infantil: alfabetização e letramento. Youtube, 19 de jul. de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=T7M9ZThtwow> >. Acesso em: 04 set. 2021.

NÓVOA, António. **Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente**. Caderno de Pesquisa v.47, n.166, p.1106-1133, out./dez.2017.

Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/WYkPDBFzMzrvnbsbYjmvCbd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 13 jan. 2022.

NÓVOA, António. Os professores – Quem são? Onde vêm? Para onde vão? In: STOER, Stephen R. (org). **Educação, Ciências Sociais e realidade portuguesa: uma abordagem pluridisciplinar**. Porto, Afrontamento, 1991.

NÓVOA, António. **Professores imagens de um futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

PEREIRA, Rachel Freitas. A pré-escola no PNAIC? Os processos formativos do Eixo Educação Infantil no PNAIC/UNIPAMPA. In: MOURA, Patrícia dos Santos; PEREIRA, Rachel Freitas; AURICH, Grace da Ré. **PNAIC UNIPAMPA 2017-2018: trajetórias da formação continuada pelo olhar docente-formador**. São Leopoldo: Oikos, 2020, p 24-37.

PRIETO, Lilian Medianeira, et al. Uso das Tecnologias Digitais em Atividades Didáticas nas Séries Iniciais. **Revista novas tecnologias na educação**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2005. Disponível em:

<http://www.cinted.ufrgs.br/renoteold/maio2005/artigos/a6_seriesiniciais_revisado.pdf>. Acesso em: 07 set. 2021.

SCHWARTZ, Suzana. **Motivação para ensinar e aprender: teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOARES, Magda. **Oralidade, alfabetização e letramento**. Alfabetização e letramento na educação infantil. Revista Pátio Educação Infantil - Ano VII - Nº 20 - ArtMed - Jul/Out, 2009. Disponível em: <<http://falandodospequenos.blogspot.com/2010/04/alfabetizacao-e-letramento-na-educacao.html>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio** – Educação Infantil, n. 29, fev. 2004. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>> Acesso em: 01 jun. 2022.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e escrever**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 25, p. 5-16, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 14 jul. 2021.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017.

THIOLLENT, Michel. Construção do conhecimento e metodologia da extensão. **Cronos**, Natal, RN, v. 3, n. 2, p. 65-71, jul. Dez., 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set/dez. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQqyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 24 set. 2021.

TORRES, Juliana Rezende et al. Resignificação curricular: contribuições da investigação temática e da análise textual discursiva. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 8, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4021/2585>>. Acesso em: 15 set. 2021.

VIEIRA, Livia Maria Fraga. **Educação Infantil no município de Belo Horizonte: histórico e situação atual**. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Educação, 1998.

VIEIRA, Daniele M. Jogos de linguagem – Estratégia para atividades diversificadas no processo de alfabetização e letramento. In: MORO, Catarina de Souza et al. **Educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental: saberes e práticas**. Curitiba: SEED-PR, 2012.

VYGOTSKY, Lev. S. **A formação Social da Mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WARSCHAUER, Cecilia. **Entre na roda! [recurso eletrônico]** 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

WENGER, Etienne; WENGER, Beverly. **Communitiesofpractice: A briefintroduction**. 2015. Disponível em: <<https://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2015/04/07-Brief-introduction-to-communities-of-practice.pdf/>>. Acesso em: 15 de jan. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO SOBRE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sirvo-me deste para apresentar-me como estudante no Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Educação da Unipampa-Campus Jaguarão-RS, matriculada sob número 2010200157, necessitando investigar, descrever e analisar as expectativas e compreensões dos Professores da Educação Infantil, atuantes na rede municipal de Jaguarão em relação às concepções de Letramento e Alfabetização na Educação Infantil, aplicando um questionário através de formulário on-line (Google Forms), importante na elaboração do Projeto de Intervenção, requisito obrigatório para o título. Gostaríamos de contar com Vossa Senhoria no tocante às informações para realizar o diagnóstico. Esse questionário esteve disponível do dia 14 de dezembro a 21 de dezembro do ano de 2020. Neste questionário será dado um enfoque para as questões de Letramento e Alfabetização na Educação Infantil, objetivando futuramente um trabalho que apresente as opiniões dos professores atuantes nessa etapa da Educação Básica. Bem como estudos de autores que embasem essa prática de atuação na Educação Infantil e também que possamos construir subsídios e instrumentos para proporcionar aos nossos alunos a prática de leitura e escrita de forma lúdica e prazerosa.

Orientanda Milena Rodrigues Rocha Bretanha

Orientadora Prof.^a Dr.^a Patrícia Moura.

***Obrigatório**

Nome (opcional):

Formação profissional: *

Tempo de atuação no magistério *

Turma de atuação: *

1- Na sua opinião qual é a função da Educação Infantil? *

2 – O que você entende por alfabetização? *

3- O que você entende por letramento? *

4- Qual a relação você estabelece entre Educação Infantil, letramento e alfabetização? *

5- Você desenvolve atividades para promover a alfabetização e letramento? *

Marcar apenas uma oval.

Não.

Sim.

Se sim, quais?

Se não, por quê?

APÊNDICE B – DIÁRIOS CONFECCIONADOS PARA AS PROFESSORAS



APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado participante,

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada Práticas de Letramento: uma proposta de formação docente para professores da Educação infantil da rede Municipal de Jaguarão desenvolvida por Milena Rodrigues Rocha Bretanha discente de Mestrado profissional em Educação, sob orientação da Professora Dr^a. Patrícia dos Santos Moura.

O principal objetivo desse trabalho é oportunizar a reflexão sobre as contribuições das práticas de letramento e Alfabetização desde o início da educação Infantil.

O convite a sua participação se deve à coleta de dados que serão a base de meu trabalho, onde juntas estudaremos teóricos que dão suporte e que estão diretamente ligadas à nossa prática.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma.

Seus dados pessoais serão preservados, utilizarei nomes fictícios e as escolas serão nomeadas de A a G.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através do telefone (53 984430953) ou e-mail milena.r.r@hotmail.com.

No que tange as questões de Remuneração/pagamento para participantes de pesquisa é atividade proibida no Brasil, ressalvadas as pesquisas clínicas de Fase I ou de bioequivalência.

No entanto, caso o participante tenha que se deslocar ao local da pesquisa especificamente para participação deverá receber ressarcimento para o transporte e, caso demande tempo suficiente deverá receber alimentação

também, para si e para seu acompanhante, quando necessárias. Ambos os pagamentos devem ser entendidos como ressarcimento de gastos específicos para participação na pesquisa.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido permanentemente em um banco de dados de pesquisa, com acesso restrito, sob a responsabilidade do pesquisador coordenador, para utilização em pesquisas futuras, sendo necessário, para isso, novo contato para que você forneça seu consentimento específico para a nova pesquisa.

Este Termo está redigido em duas vias (não será fornecida cópia ao sujeito, mas sim outra via), sendo uma para o participante e outra para o pesquisador. Todas as páginas deverão ser rubricadas pelo participante da pesquisa e pelo pesquisador responsável (ou pessoa por ele delegada e sob sua responsabilidade), com ambas as assinaturas apostas na última página. O termo apresentado deve, preferencialmente, conter local destinado à inserção das referidas rubricas – pesquisador e participante.

Conforme a res 466/12, é uma exigência ética das pesquisas: “comunicar às autoridades competentes, bem como aos órgãos legitimados pelo Controle Social, os resultados e/ou achados da pesquisa, sempre que estes puderem contribuir para a melhoria das condições de vida da coletividade, preservando, porém, a imagem e assegurando que os participantes da pesquisa não sejam estigmatizados”.

Exemplo: Os resultados serão apresentados aos participantes em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, distribuição de folders explicativos ao grupo participante etc.

Atenção: Publicação de artigos científicos, publicação da dissertação/tese, apresentação em congressos, são formas de divulgação dos resultados da pesquisa. No entanto, não são consideradas forma de retorno aos participantes.

Por outro lado, algumas vezes, o retorno direto aos participantes não é aplicável, devendo assim, ser pensada a melhor forma de retorno. Seja para os participantes, seja para as autoridades ou instituições envolvidas.

Contato com a pesquisadora responsável:

Telefone: 53 984430953

e-mail: milena.r.r@hotmail.com

Jaguarão ,11 de dezembro de 2020

Nome e Assinatura do Pesquisador – (pesquisador de campo)

Informo que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa intitulada Práticas de Letramento: uma proposta de formação docente para professores da Educação infantil da rede Municipal de Jaguarão e concordo em participar.

Autorizo a gravação da entrevista / autorizo o registro de imagem por foto/ filmagem. (ESPECIFICAR)

Não autorizo a gravação da entrevista / autorizo o registro de imagem por foto/ filmagem. (ESPECIFICAR)

(Assinatura do participante da pesquisa)

Nome do participante